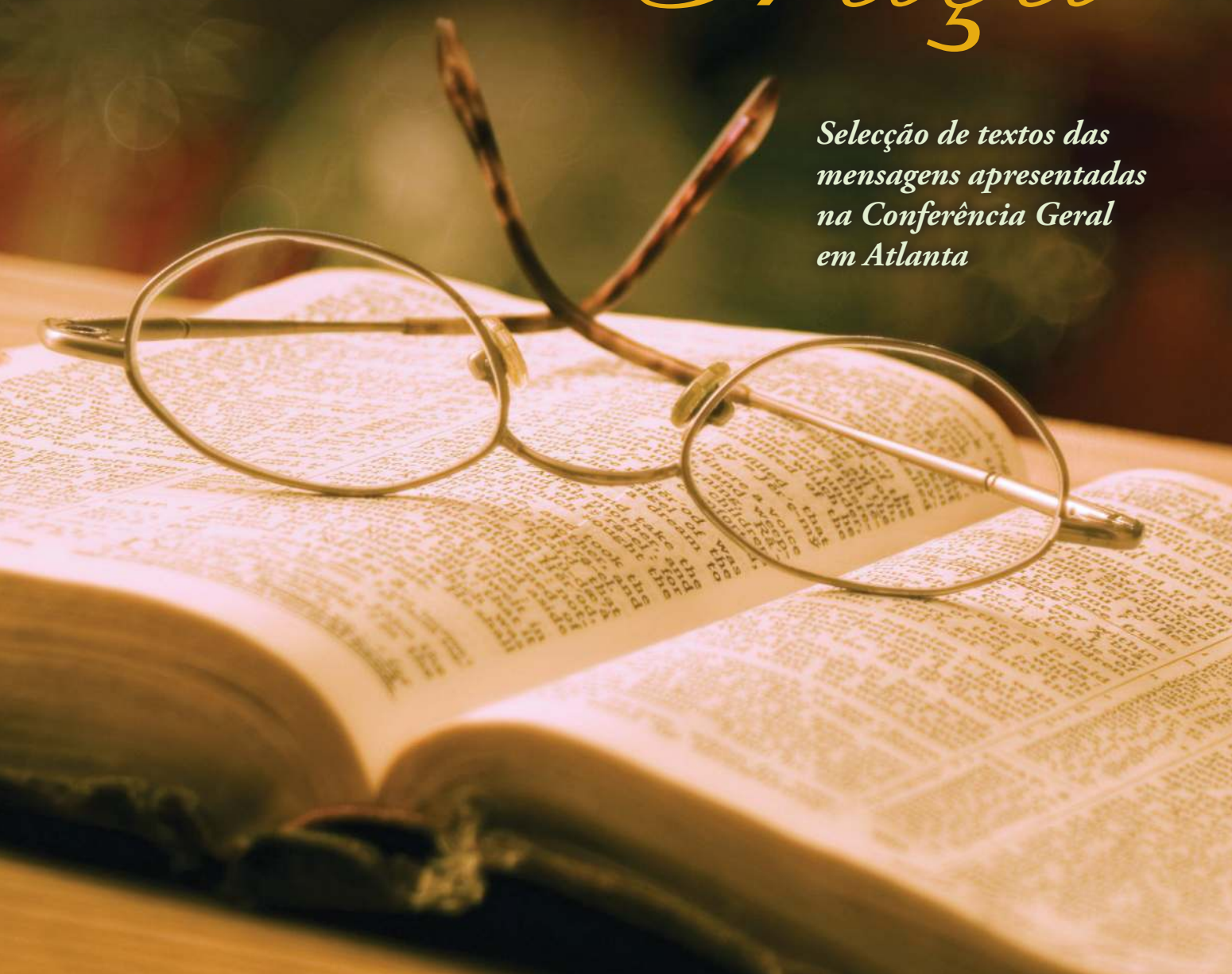


Revista ADVENTISTA

PALAVRAS DE *Graça*

*Seleção de textos das
mensagens apresentadas
na Conferência Geral
em Atlanta*



“Florescer Mirandela”

"Dias virão em que Jacób lançará raízes, florescerá e brotará Israel, e encherão de fruto o mundo." Isaías 27:6.

Grande encontro das Igrejas da **Região Eclesiástica Norte** para **distribuição pública do livro** “O Caminho para a Esperança”.

Serviços religiosos às 9:45h no Auditório Municipal de Mirandela.

Os interessados das igrejas da RE Norte deverão contactar o coordenador de Evangelismo nas suas respectivas igrejas.

INSCREVA-SE JUNTO
DO RESPONSÁVEL
DE EVANGELISMO
DA SUA IGREJA.



REGIÃO ECLESIASTICA NORTE
E DEPARTAMENTO DA ÁREA DE EVANGELISMO DA UPASD

DIAS E OFERTAS ESPECIAIS:**OUTUBRO**

- Regata J.A. ----- 1 a 5
- Programa 60+ ----- 1 a 3
- Dia do Espírito de Profecia ----- 9
- Dia dos Ministérios da Criança ----- 16
- Semana de Oração e Sacrifício ----- 16 a 23
- Oferta da Semana de Oração - **Oferta da Divisão** ----- 23
- Encontro Nacional de Profissionais de Saúde ----- 29/10 a 1/11

NOVEMBRO

- Campanha de Evangelização Nacional ----- 20 a 27
- Convenção Pastoral ----- 28 a 30

COMUNIDADE DE ORAÇÃO

Este mês, vamos orar pelos seguintes campos e instituições da nossa Divisão:

- 4 a 8 - Universidade Adventista Friedensau (EUD)
- 11 a 15 - Delegações da ADRA nos vários países (EUD)
- 18 a 22 - Associação da Alemanha Central - Berlim (NGU)
- 25 a 29 - Colégio Villa Aurora (IU)

COMUNICAÇÃO**“TEMPO DE ESPERANÇA”**

No programa “Fé dos Homens”, na RTP2, com transmissão diária de Segunda a Sexta-feira, a partir das 18:00h, e na Antena 1 a partir das 22:47h, a Igreja Adventista terá um espaço nas seguintes datas:

- Segunda-feira 11 de Outubro
- Segunda-feira 25 de Outubro
- Segunda-feira 17 de Novembro
- Segunda-feira 29 de Novembro

Famílias Segundo o Coração de Deus

Lançamento e Apresentação

António & Irene Paula Amorim

Celebrar
o Culto Familiar





16 DE OUTUBRO
Igreja Central de Lisboa
17h30m



Área Dep. das Famílias
UNIÃO PORTUGUESA DOS ADVENTISTAS DO SÉTIMO DIA

Revista ADVENTISTA

ÍNDICE

- 3** Memo/Anúncios
- 4** Editorial
Maravilhosa Graça
- Palavras de Deus**
- 5** "Avançar"
- 8** *Graça no Jardim*
- 11** *A Graça no Monte Moriá: Uma História Perturbadora*
- 14** *O Povo do Êxodo*
- 16** *Graça no Calvário*
- 19** *Viver pela Graça dá Esperança e Certeza*
- 21** *Fé na Abundante Graça de Deus*
- 23** *Graça e Família num Mundo Fragmentado*
- 25** *A Graça de Deus*
- 27** *Cevada Suficiente: Graça e Justiça*
- 29** *Pedras e Areia, Lei e Graça*
- 31** *Vivendo Segundo a Graça como Discípulos e Fazedores de Discípulos*
- 33** *Graça no Santuário*
- 35** *Hino Oficial da Conferência Geral*



IGREJA
ADVENTISTA
DO SÉTIMO DIA

Revista ADVENTISTA

“Eis que cedo venho”

A nossa missão é realçar Jesus Cristo usando artigos e ilustrações para demonstrar o Seu amor sem igual, dar as boas-novas do Seu trabalho presente, ajudar outros a conhecê-Lo melhor e manter a esperança da Sua breve volta.

A Revista Adventista, Órgão da Igreja Adventista do Sétimo Dia em Portugal, é publicada mensalmente pela União Portuguesa dos Adventistas do Sétimo Dia desde 1940 e editada pela Publicadora SerVir, S.A.

Director: José Eduardo Teixeira

Coordenador Editorial: Manuel Ferro

Chefe de Redacção: Paulo Sérgio Macedo

Colaboradores de Redacção:

Ernesto Ferreira e Lara Varandas

Diagramação: Sara Calado

São bem-vindos todos os manuscritos, mesmo os não solicitados, cujo conteúdo esteja de acordo com a orientação editorial da revista. Todos os artigos devem incluir o nome e a morada do autor bem como o número de telefone e fax, se for o caso. Se forem enviadas fotos, elas só serão devolvidas em caso de pedido expresso, senão ficam a fazer parte do arquivo da Publicadora SerVir.

E-mail: revista.adventista@pservir.pt

Proprietária e Editora:

Publicadora SerVir, S.A.

R. da Serra, 1 – Sabugo

2715-398 Almargem do Bispo

Tel. 219 626 200 – Fax 219 626 201

Director Comercial: Enoque Pinto

Controlo de Assinantes:

(Assinaturas, Facturação e Alteração de Moradas)

Responsável: Paula Raimundo

e-mail: assinaturas@pservir.pt

Tel. 219 626 219 – Fax 219 626 201

Expedição e Armazém:

R. da Serra, 1 – Sabugo

2715-398 Almargem do Bispo

Tel. 219 626 200 – Fax 219 626 202

Impressão e Acabamento:

Offset Mais, S.A.

Tiragem: 1500 exemplares

Depósito Legal N.º 1834/83

Preço: Número Avulso: €1,70

Assinatura Anual: €17,00

ISENTO DE INSCRIÇÃO NO E.R.C. –

DR 8/99 art.º 12.º N.º 1a

ISSN 1646-1886

Ano 71 – Nº 761 / OUTUBRO 2010



IGREJA
ADVENTISTA
DO SÉTIMO DIA

MARAVILHOSA GRAÇA

Por muito que se fale e escreva, nunca é demais exaltar e proclamar a maravilhosa “Graça de Cristo”, colocada à disposição de todo o ser humano. Mesmo o mote da última Assembleia Geral dos Adventistas do Sétimo Dia, realizada em Atlanta, “Proclaiming God’s Grace” (Proclamando a Graça de Deus), é um desafio à Igreja mundial, na pessoa de cada membro, a **aceitar e a ser um atalaia** deste espantoso dom do Salvador a todo o miserável pecador. Falo em aceitar e ser, porque é impossível sermos atalaia de uma verdade tão solene e sublime se, em primeiro lugar, não a vivermos totalmente na nossa própria vida. Mas, para que essa “Graça” seja eficaz e poderosa na vida de cada crente, é importante que a retenhamos na sua integralidade. O apóstolo Paulo, na sua carta aos Romanos, depois de realçar (cap. 5) a “Graça Abundante de Deus, por meio de Jesus Cristo”, coloca-nos frente a frente com a realidade total (6:1-2): *“Que diremos, pois? Permaneceremos no pecado, para que a graça seja mais abundante? De modo nenhum! Nós que estamos mortos para o pecado, como viveremos ainda nele?”*

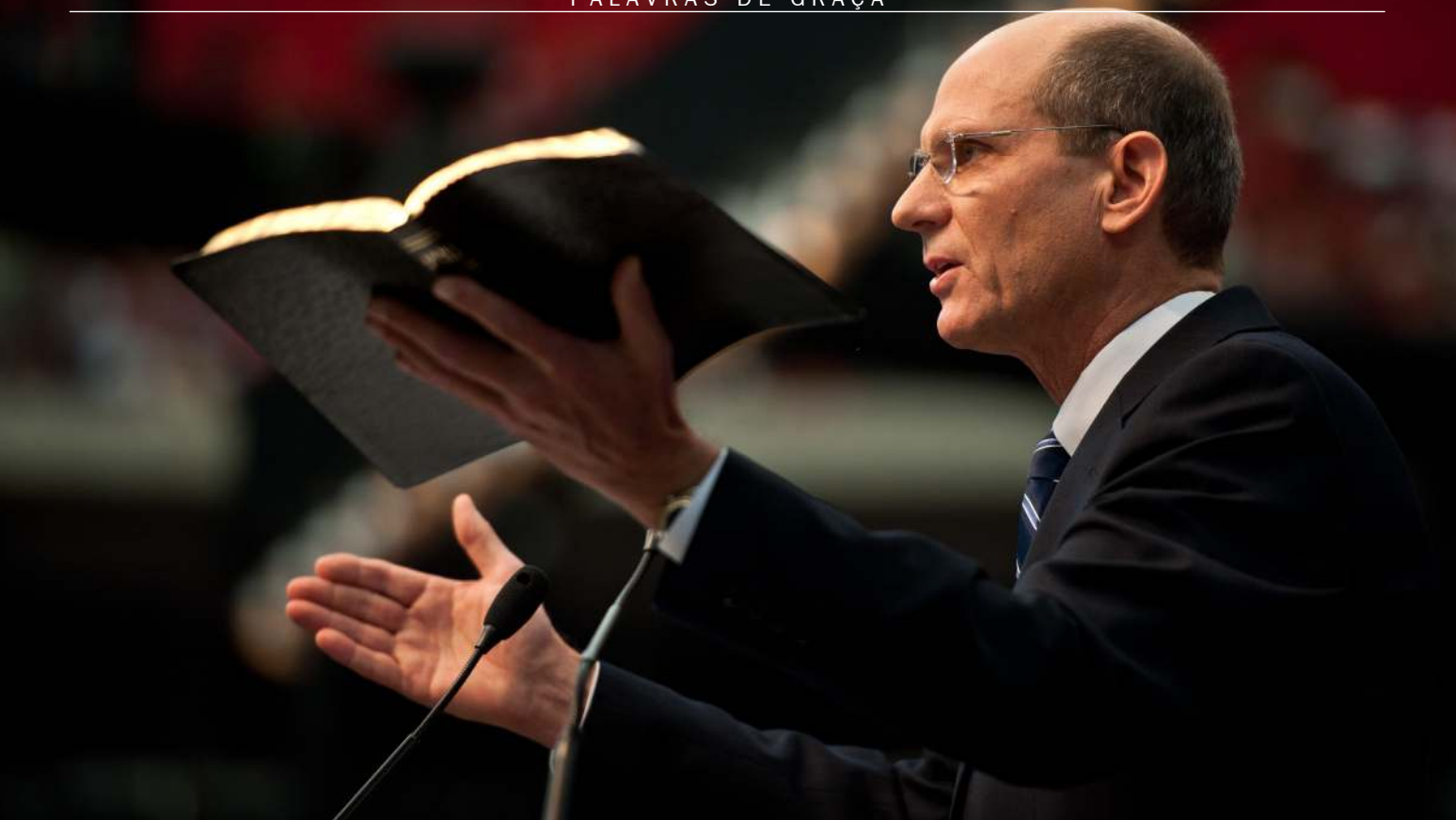
O Pr. Ted Wilson, Presidente eleito na referida Assembleia Geral, no sermão de encerramento – resumido na presente edição da R.A. –, sublinhou esta dupla acção da “Graça” no coração do homem: **“Graça é a promessa do perdão de Deus e a provisão do poder de Deus – justificação e santificação. Não podemos separar o que Cristo faz POR nós (justificando-nos diariamente como se nunca tivéssemos pecado) do que Ele faz EM nós (santificando-nos diariamente na medida em que nos submetemos a Ele e permitimos que o poder do Espírito Santo mude a nossa vida para nos tornarmos mais e mais como Jesus). É esta maravilhosa, poderosa, redentora graça que nós fomos chamados a proclamar a um mundo enfermo em pecado. Não temos nenhuma base para a exaltação própria. O nosso único fundamento de esperança está na justiça de Cristo a nós imputada (justificação), e naquela que é formada pelo Seu Espírito trabalhando em e por nós (santificação).”** – *O Caminho para a Esperança*, p. 63.

O grande propósito de Deus para cada ser humano é que este viva na Sua presença, a fim de poder usufruir da totalidade das Suas bênçãos, sendo a principal e motor de todas as outras, a Semelhança Divina. Aliás, esse foi o grande desafio de Deus a Abraão *“Anda em Minha presença e sê perfeito”* (Gén. 17:1). Esta ideia está claramente subjacente no ensino que Deus deu ao povo de Israel através do santuário. O grande propósito era ensinar ao povo o caminho de regresso à Sua presença, para que este conhecesse verdadeiramente quem é Deus. Assim, poderia reaver o Seu carácter, o qual se tinha esbatido no homem como consequência da queda de Adão. Mas, o estar na presença do *“Santo, Santo, Santo”*, era tarefa impossível a qualquer mortal. Foi necessário Deus pôr em prática o Plano previamente concebido, a expiação pela encarnação, vida, morte, ressurreição e intercessão do Seu Filho. Recorrendo a esta preciosa e grandiosa Graça, mesmo o maior transgressor pode ter acesso ao trono de Deus. Isto é a Maravilhosa Graça, sem a qual homem algum pode aproximar-se do Altíssimo.

Esta limitação deve conduzir-me a uma profunda reflexão sobre o porquê da minha impossibilidade de chegar, por mim mesmo, à presença de Deus. Ao reconhecer a minha indignidade e conhecer as consequências naturais da minha condição, humilhar-me-ei diante de Deus em santa, solene e profunda gratidão pela “Graça” colocada à minha disposição. Esta graça é tão penetrante que não me cansarei de partilhar a seguinte citação de Ellen White, no livro *Aos Pés de Cristo*, p. 60: **“Se vos entregardes a Ele e O aceitardes como vosso Salvador, por mais pecaminosa que tenha sido a vossa vida, por Sua causa sereis considerados justos. O carácter de Cristo é substituído ao vosso carácter, e sereis aceites diante de Deus exactamente como se nunca houvésseis pecado.”** Maravilhosa Graça!

É este dom de Deus que somos convidados a aceitar, a viver e a proclamar. Oro ao Senhor para que, ao nos banquetearmos com os artigos desta edição, possamos captar a “Graça de Deus”, em todos os seus aspectos, para que cheguemos à estatura de homens e mulheres em Cristo Jesus. ■

Pr. José Eduardo Teixeira
Presidente da UPASD



(Dada a extensão do sermão pregado pelo Pr. Wilson, limitamo-nos aqui a apresentar o resumo que apareceu na Adventist Review especial, número 8, da sessão da Conferência Geral.)

A Igreja Adventista do Sétimo Dia está numa viagem em direcção ao Céu e estamos quase no Lar. Acredito de todo o meu coração que Jesus vai voltar em breve!

Aprecio o maravilhoso espírito e entusiasmo da nossa família mundial de fé. E embora todos nós nos sintamos orgulhosos das nossas respectivas nações e culturas, louvo o Senhor pelo facto de haver uma cultura de Cristo que nos une uns aos outros e que toma o lugar de todas as outras.

Mundo Caótico; Palavra Sólida

Os sinais da vinda de Cristo estão a aumentar em frequência e intensidade. Eventos destruidores na Natureza, a grande confusão no mundo político, as actividades subtis e comprometedoras do ecumenismo, o aumento dramático do espiritismo e da sua influência, a deterioração das econo-

mias mundiais, a desintegração dos valores sociais e familiares, a descrença na autoridade absoluta da Santa Palavra de Deus e dos Dez Mandamentos, o aumento exponencial do crime e da decadência moral, guerras e rumores de guerras: tudo aponta para o clímax da História desta Terra e para a volta do Senhor.

Que bênção é saber que, mesmo no meio da incerteza do

Ted Wilson

“AVANÇAI”

O PRESIDENTE DA IGREJA CONFIRMA AS CRENÇAS ADVENTISTAS FUNDAMENTAIS

mundo que nos rodeia, nós podemos repousar com absoluta confiança na imutável Palavra de Deus! No decurso da História humana e contra implacáveis ataques, Deus preservou a Sua Santa Palavra. A Bíblia contém um relato exacto das nossas origens, um registo fidedigno da nossa salvação e um glorioso vislumbre da nossa futura libertação em breve. Como Adventistas do Sétimo Dia,

aceitamos a Bíblia como o fundamento para todas as nossas crenças e vemos nas suas páginas as nossas identidade e missão proféticas peculiares.

Com o poder da Sua verdade, Deus extraiu deste mundo caótico a Igreja Adventista do Sétimo Dia. Nós devemos ser um povo especial, o povo *remanescente de Deus*, para enal-

tecer Cristo, a Sua justiça, as Suas três mensagens angélicas de Apocalipse 14 e a Sua segunda vinda em breve. Como povo remanescente de Deus, identificado em Apocalipse 12:17 como “os que guardam os mandamentos de Deus e têm o testemunho de Jesus”, temos uma mensagem única de esperança e um mandato para proclamar a graça de Deus ao mundo.

Uma das características identificadoras do povo de Deus dos últimos dias é o facto de que os membros da Sua Igreja aceitam e crêem em TODOS os dez mandamentos, incluindo o quarto mandamento, que nos convida a recordar o santo dia de Sábado do Senhor. A observância do Sábado é não apenas um sinal do Seu poder criador no início, mas será igualmente O sinal do povo de Deus nos últimos dias.

Salvação

Nós confiamos totalmente em Jesus e na nossa relação com Ele para a nossa salvação. Não obtemos salvação pelas obras, mas através da graça de Cristo. Graça é a promessa do perdão de Deus e a provisão do poder de Deus – justificação e santificação. Não podemos separar o que Cristo faz POR nós (justificando-nos diariamente como se nunca tivéssemos pecado) do que Ele faz EM nós (santificando-nos diariamente na medida em que nos submetemos a Ele e permitimos que o poder do Espírito Santo mude a nossa vida para nos tornarmos mais e mais como Jesus). É esta maravilhosa, poderosa, redentora graça que nós fomos chamados a proclamar a um mundo enfermo em pecado. “Não temos nenhuma base para a exaltação própria. O nosso único fundamento de esperança está na justiça de Cristo a nós imputada (justificação), e naquela que é formada pelo Seu Espírito trabalhando em e por nós (santificação).” – *O Caminho para a Esperança*, p. 63.

Espírito de Profecia

Apocalipse 12:17 diz-nos que o povo remanescente de Deus terá “o testemunho de Jesus Cristo”. Apocalipse 19:10 explica que “o testemunho de Jesus é o espírito de profecia”. O mesmo Espírito que moveu os santos homens da antiguidade suscitou novamente, nestes últimos dias, uma mensageira do Senhor. O Senhor deu-nos um dos maiores dons nos escritos do Espírito de Profecia. Assim como a Bíblia não é obsoleta ou irrelevante, também não o é o testemunho da mensageira de Deus para o tempo do fim. Deus usou Ellen G. White como uma humilde serva para prover um conhecimento inspirado acerca da Escritura, de profecia, de saúde, de educação, dos relacionamentos, da missão, das famílias, e muitos outros tópicos. Como fiel remanescente de Deus, que nunca possamos tornar ineficaz a preciosa luz que nos foi concedida nos escritos de Ellen G. White.

A Nossa Necessidade de Jesus

Quando usamos o termo “igreja remanescente”, ou “povo remanescente”, nunca devemos usá-lo de uma maneira exclusiva e egoísta. Devemos ser o povo mais humilde da Terra,

reconhecendo a nossa completa necessidade de Jesus, o nosso Salvador, e louvando-O por nos ter chamado para fazer parte deste poderoso movimento do Advento. Através do sacrifício expiatório de Cristo, e do Seu ministério sumo-sacerdotal, podemos “chegar-nos com confiança ao trono da graça, para que possamos obter misericórdia e achar graça em tempo de necessidade” (Heb. 4:16).

Quando nós descansarmos completamente nos eternos braços do nosso Deus, Ele agirá por nosso intermédio de forma poderosa para darmos a mensagem final de misericórdia a um mundo moribundo.

Ellen White deixa claro que “um reavivamento da verdadeira piedade entre nós, eis a maior e a mais urgente de todas as nossas necessidades” (*Mensagens Escolhidas*, vol. 1, p. 121). Na medida em que nos ligamos a Cristo diariamente e permitimos que Ele aja por nosso intermédio, seremos usados pelo Espírito Santo para proclamar a Sua graça e antecipar a vinda do Senhor.

Quando os egípcios estavam a perseguir os filhos de Israel, no momento do Êxodo, os israelitas sentiram-se encurralados pelo deserto à sua direita, a montanha à sua frente, o Mar

Vão em frente,

Vermelho à sua esquerda e o exército egípcio que se aproximava por detrás. Eles não puseram a sua confiança no poder de Deus. Tudo o que podiam ver eram os obstáculos.

Que obstáculos estão a enfrentar hoje? Montanhas de dúvida secular em relação à Bíblia? Um mar de conflitos pessoais e familiares? Forças de mudança social negativa? Independentemente das vossas circunstâncias, Deus tem um caminho em frente.

Ellen White escreve em *Patriarcas e Profetas*, p. 290: “Muitas vezes a vida cristã é cercada de perigos, e o dever parece difícil de realizar. A imaginação visualiza uma ruína iminente à nossa frente e, atrás, escravidão ou morte. No entanto, a voz de Deus diz, claramente: 'Avancem!' Devemos obedecer a esta ordem, mesmo que os nossos olhos não consigam penetrar as trevas e sintamos as frias ondas em redor dos nossos pés. Os obstáculos que dificultam o nosso progresso nunca desaparecerão diante de um espírito com dúvidas e hesitante.”

Portanto, olhem para o Deus Todo-Poderoso que vos pode conduzir através de qualquer coisa que venham a enfrentar no futuro. Nunca percam a vossa inteira confiança e fé n'Ele. Obedeçam sempre à Sua ordem de “Avançar”.

Vão em Frente, Não Para Trás

Vão em frente, não para trás. Não sucumbam à ideia errada de aceitar métodos de culto ou de evangelismo simplesmente porque são novos e “estão na moda”. Precisamos de testar todas as coisas de acordo com a suprema autoridade

da Palavra de Deus e com o conselho com o qual temos sido abençoados nos escritos de Ellen G. White. Não se cheguem a movimentos que vos prometem sucesso espiritual baseado numa teologia defeituosa, mas procurem métodos de evangelismo e programas que são baseados em sólidos princípios bíblicos e no tema do Grande Conflito.

Vão em frente, não para trás! Nos serviços da igreja, usem práticas de culto e música que sejam centradas em Cristo e baseadas na Bíblia. Embora compreendamos que as culturas e os serviços de culto variem por todo o mundo, não andem para trás em direção a estilos confusos, em que a música e a adoração são tão centrados na emoção e na experiência e que vos farão perder o foco central sobre a Palavra de Deus. Todo o culto de adoração, por mais simples ou complexo que possa ser, deve exaltar Cristo e humilhar o eu.

Vão em frente, não para trás! Não cedam a teologias liberais que eliminam a Palavra de Deus dos pilares da verdade bíblica e das crenças de referência da Igreja Adventista do Sétimo Dia. As crenças históricas e bíblicas da Igreja Adventista do Sétimo Dia permanecerão seguras até ao fim do tempo. *Mensagens Escolhidas*, volume 1, páginas 207-208 diz:

não para trás!

“Que influência é essa, que desejaria levar os homens, neste período da nossa história, a trabalhar de modo sub-reptício e poderoso, para destruir os alicerces da nossa fé – alicerces que foram lançados no princípio da nossa obra mediante devoto estudo da Palavra e pela revelação? ... Mensagens de toda a espécie e feitio têm feito pressão sobre os Adventistas do Sétimo Dia, pretendendo substituir a verdade que, ponto por ponto, tem sido buscada com estudo e oração, e atestada pelo poder milagroso do Senhor. Mas os marcos que nos tornaram o que somos, devem ser preservados.... Ele convida-nos a nos apegarmos firmemente, com a mão da fé, aos princípios fundamentais baseados em autoridade inquestionável.”

Vão em frente, não para trás! Permanecei firmes pela Palavra de Deus tal como é literalmente lida e compreendida. Devemos sempre reconhecer, com humildade, que somos criaturas finitas, caídas, a observar as obras de um Deus infinito e onipotente. Há coisas, tanto na Natureza como na Escritura que nós não compreendemos totalmente. Mas o que o Senhor, na Sua misericórdia, nos tem dado em linguagem clara para ser tomado como verdade, simplesmente porque Ele assim disse, não deve ser envolto em ceticismo. Não interpretem mal os primeiros onze capítulos do Génesis ou outras partes da Escritura como sendo alegóricos ou meramente simbólicos. A Igreja Adventista do Sétimo Dia ensina e acredita no relato bíblico da Criação que teve lugar em seis dias literais, consecutivos, de 24 horas. Se Deus não criou o mundo em seis dias literais e, em seguida, abençoou o dia de Sábado, porque é que nós estamos hoje a adorá-l'O

neste Sábado do sétimo dia como Adventistas do Sétimo Dia? Interpretar mal esta doutrina é negar a Palavra de Deus e negar o verdadeiro propósito do movimento Adventista do Sétimo Dia, como sendo a Igreja remanescente de Deus. Não voltem para trás, para a evolução ateísta ou deísta; avancem para a compreensão profética de que a fidelidade a Deus, o Criador e Redentor, será vista na observância do Sábado do sétimo dia como a característica distintiva do povo de Deus no tempo do fim.

Lemos novamente em *Mensagens Escolhidas*, volume 1, na p. 170: “Não forceis o sentido de frases na Bíblia, num esforço de produzir qualquer coisa de singular, a fim de comprazer a fantasia. Tomem as Escrituras à letra.”

Vão em frente, não para trás! Deixem a Escritura ser o seu próprio intérprete. A nossa Igreja há muito tempo que sustenta o método histórico-bíblico, ou histórico-gramatical, para compreender a Escritura, permitindo que a Bíblia se interprete a si mesma. Todavia, o método histórico-crítico de explicação da Bíblia coloca um erudito ou indivíduo acima da clara e simples abordagem das Escrituras e permite inadequadamente que ele ou ela decida como percebe a verdade, com base nos recursos e educação do crítico. Este tipo de abordagem leva as pessoas a desconfiar de Deus e da Sua Palavra.

Vão em frente, não para trás! Aceitem o Espírito de Profecia como um dos maiores dons dados à Igreja Adventista do Sétimo Dia, não apenas para o passado, mas para o futuro. Enquanto que a Bíblia é a autoridade máxima e o árbitro final da verdade, o Espírito de Profecia provê conselho claro e inspirado para nos ajudar na nossa aplicação da verdade bíblica e é uma bênção maravilhosa para dirigir a Igreja de Deus nos últimos dias da História desta Terra.

Ele Vai Voltar

Jesus está quase a voltar! Em breve veremos no Céu, a Leste, uma pequena e escura nuvem, mais ou menos do tamanho da metade de um punho humano. Ela ficará cada vez maior e mais brilhante. E ali, sentado no meio de milhões de anjos, estará Aquele a quem temos esperado: não o humilde e ferido Cordeiro, não o Sumo Sacerdote, mas o Rei dos reis e Senhor dos senhores, Jesus Cristo, o nosso Redentor! Olharemos para cima e diremos: “Este é o nosso Deus a quem aguardávamos.” Cristo olhará para baixo e dirá: “Muito bem, servo bom e fiel, entra no gozo do teu Senhor”, e então “seremos arrebatados... para o encontro do Senhor nos ares, e, assim, estaremos para sempre com o Senhor”... o maravilhoso final da jornada do Advento!

Aceitem a maravilhosa graça de Cristo na vossa vida, “Avancem”, renovando o vosso compromisso com Ele e proclamando a graça de Deus nas três mensagens angélicas. ■

Pr. Ted N. C. Wilson
Presidente da Conferência Geral
dos Adventistas do Sétimo Dia



Graça 
NO JARDIM

John S. Nixon

“E formou o Senhor Deus o homem do pó da terra, e soprou em seus narizes o fôlego da vida: e o homem foi feito alma vivente” (Gén. 2:7).

É o sexto dia da primeira semana do mundo, e Deus quase acabou o Seu trabalho. Restam-Lhe uma ou duas coisas para fazer, e deixou o melhor para o fim. Agora, o ambiente está preparado para o acto coroador da Criação. Os santos anjos observaram, maravilhados, desde o primeiro dia, quando o grande Deus do Céu Se manifestou no meio do nada e disse ao nada: “Haja luz, e houve luz” (Gén. 1:3). O salmista diz: “Pela palavra do Senhor foram feitos os céus, e todo o exército deles pelo espírito da Sua boca.” “Porque falou, e tudo se fez; mandou, e logo tudo apareceu” (Sal. 33:6, 9).

Mas agora o Senhor Deus usa um método diferente. Desta vez, Deus não falou. Em vez disso, curva-Se e apanha uma mão cheia de terra e, com ela, começa a moldar o homem. Ele desenha e organiza; esculpe e esboça; dá forma e consistência. Os Seus braços envolvem um enorme busto. Os Seus dedos estendem um minúsculo vaso capilar. E o Seu génio criativo forma um organismo glorioso, com sistemas interligados – endócrino, muscular, esquelético, linfático, pulmonar, respiratório, digestivo, neurológico,



ESTE MUNDO É DO NOSSO PAI E NA CRIAÇÃO,

cardiovascular. “De modo terrível e tão maravilhoso fui formado” (Sal. 139:14).

Na coroa de tudo isso, Deus cria um órgão para raciocinar, coberto por uma camada ondulante de matéria cinzenta. Aí será a sede da inteligência, o centro dos poderes do raciocínio e da compreensão, da criatividade e da linguagem.

Em seguida, com a construção completa e com tudo no seu lugar, o Grande Criador, Ele mesmo não criado, faz uma pausa e inala profundamente. Agora curva-Se ainda mais, colando o Seu rosto à terra, e sopra nas narinas daquela estrutura feita de pó. E o peito expande-se, quando os pulmões se dilatam, os nervos geram sinais, o coração palpita, o sangue circula, as células activam-se, o pó torna-se carne, o cérebro torna-se mente, e o homem torna-se um ser vivo.

E a questão cosmológica é respondida, antes mesmo de começarmos a nossa investigação. Não é através do raciocínio que a verdade da Criação é conhecida. Não é uma conclusão científica. A Ciência não pode substituir Deus, porque a Ciência não se criou a si mesma. É uma falsidade e uma confusão de ordem fazer do derivado original e do Original derivado.¹ A Ciência é o nosso guia no meio das coisas tal como elas são, mas não tem explicação para as coisas serem como são. Ninguém tem o direito de ser dogmático

acerca de coisas que só podem ser conhecidas por revelação divina.²

E é pela revelação, não pela razão, que ficamos a saber o que a Bíblia nunca tenta provar: que o mundo foi criado em seis dias literais de tarde e manhã, nos quais Deus não dependeu de matéria pré-existente. É uma verdade que não se presta a uma investigação intelectual. Não é uma descoberta; é uma crença. Não é uma dedução; é uma confissão. “Pela fé, entendemos que os mundos, pela palavra de Deus foram criados; de maneira que, aquilo que se vê não foi feito do que é aparente” (Heb. 11:3).

Este mundo é do nosso Pai e na Criação, como na Redenção, o Seu trabalho estava completo. Assim como Deus não deixou que a Redenção fosse terminada por processos religiosos, também não deixou que a Criação fosse terminada por processos naturais. Quando a expiação foi completada na cruz, Jesus exclamou: “Está consumado!” (João 19:30). E quando a Criação foi concluída no sexto dia, “viu Deus tudo quanto tinha feito, e eis que era muito bom” (Gén. 1:31). Da terra ao céu, dos animais aos seres humanos, do mar ao mar de vidro, Deus fez tudo. Este mundo é do nosso Pai!

Este é, portanto, o glorioso começo da família humana, saída da mão de Deus – cheia de promessas e cheia de

possibilidades. A graça salvadora estava em reserva, pois ainda não tinha sido necessária. O perdão ainda não tinha aparecido, porque não havia nada para perdoar. Mas a fé tinha de ser provada.

Curiosidade Fatal

“Vendo a mulher que aquela árvore era boa para se comer, a agradável aos olhos, e árvore desejável para dar entendimento, tomou do seu fruto, e comeu, e deu, também, ao seu marido, e ele comeu com ela” (Gén. 3:6).

A queda de Eva começou quando decidiu fazer a sua própria investigação. Este foi o primeiro afastamento da confiança total na palavra de Deus. Deus nunca tinha dito que o fruto da árvore não era bom para comer. Apenas tinha dito que eles não deveriam comê-lo. E até o disse com um aviso das consequências: “No dia em que dela comeres, certamente morrerás” (Gén. 2:17). Mas o que Deus não disse foi a razão para a Sua ordem. Ele disse “o quê”, mas não disse o “porquê”. Era um teste para a fé.

A informação omitida tornou-se a charneira sobre a qual deveriam surgir a obediência ou a desobediência. Perante o desafio da serpente e a inexplicada ordem de Deus, Eva tem que decidir em quem acredita. Ela pode tomar Deus à letra e obedecer, ou pode duvidar da veracidade divina e desobedecer. Mas ela tem que fazer uma coisa ou outra.

A natureza do pecado vai muito mais fundo do que inicialmente pensamos. Ele não começa com o acto; começa com o pensamento, com a ideia. O pecado aparece primeiro ao nível do subconsciente, onde tomamos decisões, antes mesmo de agirmos. No momento em que decidimos tomar as coisas nas nossas próprias mãos – usando a nossa vontade como nos apetece – nesse momento secreto afastamo-nos da fé em Deus.

Aparecimento do Sobrenatural

Jesus Cristo é a única saída para a armadilha mortal do pecado; e Ele também aparece no começo. Antes que o anjo afaste os nossos primeiros pais da árvore da vida, Adão e Eva recebem uma promessa que apanha Satanás desprevenido. Voltando-Se para a serpente, o Senhor Deus diz: “E porei inimizade entre ti e a mulher, entre a tua semente e a sua semente; esta te ferirá a cabeça e tu lhe ferirás o calcanhar” (Gén. 3:15).

Satanás não entende plenamente, mas sabe que é uma ameaça para o seu reino. Esmagar a cabeça de uma serpente é matá-la. Deus está a profetizar o fim do reino do diabo, e o Agente dessa morte será a Semente da mulher. Satanás nunca sonhou com uma estratégia destas; Deus estava preparado para ir mais longe do que o inimigo podia conceber. Precisamente no lugar onde os humanos estavam no seu

coisa. É gentileza imerecida; é favor que não pede nada em troca; é bênção onde haveria lugar para condenação; é perdão onde devia haver juízo. Enquanto o homem e a mulher se afastam da árvore da vida, para nunca mais saborearem o seu fruto, levam vestidas as roupas que Deus lhes providenciou com sangue, como garantia de que, um dia, voltarão a comer da árvore.

Quando eles se apresentaram diante de Deus depois de pecarem, o homem e a mulher já estavam vestidos com roupas que eles mesmos tinham feito, mas essas não serviam.

Não podemos salvar-nos a nós mesmos, ou contribuir, seja de que forma for, para a nossa justificação. Por isso Deus faz roupas novas, escolhidas por Ele, e fá-lo através do derramamento de sangue. Porque “sem derramamento de sangue não há perdão” do pecado (Heb. 9:22).

Devido à intervenção divina, o efeito do pecado já não é a morte do pecador. Em vez disso, através da acção dessa nova coisa, que requer uma palavra nova, o pecador escapa ao efeito que devia naturalmente seguir a causa, e herda um novo resultado.

Essa coisa chama-se graça. Não foi algo que veio posteriormente. Já estava em reserva. Logo que houve pecado, houve um Salvador.

Mas desta vez, o Senhor Deus não fala. Em vez disso, curva-Se, apanha uma mão cheia de terra e prepara um

COMO NA REDENÇÃO, O SEU TRABALHO ESTAVA COMPLETO.

pior, Deus estava no Seu melhor, revelando a profundidade de um amor que ultrapassa toda a compreensão.

Génesis 3 termina com uma cerimónia de significado eterno, na qual Deus providencia cobertura para o homem e para a mulher. “E fez o Senhor Deus a Adão e a sua mulher túnicas de peles, e os vestiu” (Gén. 3:21). Reparem bem: túnicas de peles, não túnicas de pêlo. Não se tratava de algo referente a um animal vivo; para que isto acontecesse, um ser vivo teve que morrer. É significativo que o acto de redenção tem lugar antes de o homem e a mulher serem expulsos do Éden, para que eles saibam que a expulsão do jardim não significa a ausência de Deus.³ Eles são afastados da árvore da vida, não do seu Criador.

E então aparece. Aparentemente vinda de lugar nenhum. Uma coisa para a qual o vocabulário humano tem de criar uma palavra. Funciona segundo leis diferentes das leis da Natureza. Tudo, na ordem criada, funciona segundo as leis de causa e efeito – o Sol aquece-nos; a água molha-nos; o vento sopra e as árvores curvam-se, etc.. Tudo menos isto.

De repente, surge um novo princípio de vida. Acima das leis da existência natural, algo sobrenatural surge em cena.

Não é a gentileza – a gentileza de Deus é visível em todo o Universo. Também não é a bondade – a bondade e o favor de Deus encontram-se em todos os sistemas solares. É outra

corpo através do qual possa entrar na humanidade, graças ao milagre da encarnação.⁴ É um gesto divino de infinita compaixão, nascido de um amor permanente. O que faríamos sem a graça de Deus?

Havia duas árvores plantadas no meio do jardim – a árvore da vida e a árvore da ciência do bem e do mal. Mas quando a humanidade caiu, Deus plantou uma terceira árvore. É a árvore que resgata todos os que crêem da destruição eterna. Jesus morreu nessa terceira árvore, e a vitória que Ele alcançou torna-se nossa. Através do Seu sacrifício, nós escapamos à condenação do pecado. ■

Referências

1. Charles Malik, *A Christian Critique of the University*, Waterloo, Ontário: North Waterloo Academic Press, 1987, p. 34.
2. Oswald Chambers, “Baffled to Fight Better”, in *The Complete Works of Oswald Chambers*, Grand Rapids, Mich., Discovery House, 2000, p. 80.
3. Sigve K. Tonstad, *The Lost Meaning of the Seventh Day*, Berrien Springs, Mich., Andrews University Press, 2009, p. 58.
4. Heb. 10:5.

John S. Nixon

Pastor da Igreja de Collegedale, Tennessee



Randy Roberts

A *Graça* NO
MONTE MORIÁ:
UMA HISTÓRIA PERTURBADORA

Antes de adormecermos, a minha mãe lia-nos muitas vezes histórias. Numa das histórias, a personagem principal era um menino a quem chamaremos João. O João fez da obediência um hábito. Os seus pais tinham-no educado tão bem que a obediência tornou-se, para ele, uma segunda natureza.

A família vivia na parte Norte dos Estados Unidos, a terra da neve abundante. E o João gostava muito dos jogos de Inverno; gostava, especialmente, de andar de trenó.

Um dia em que a neve cobria tudo, o João subiu ao morro que ficava por trás da sua casa e que ele nunca tinha descido de trenó. Era íngreme, por isso ele iria realmente voar. O seu coração batia forte quando fez o trenó deslizar na neve enquanto se agarrava com força.

A sua mãe estava no quintal e viu o trenó, levando o seu filho, descer velozmente o monte. Depois viu a cerca de arame farpado, meio escondida, que ficaria à altura do pescoço do filho e em cuja direcção ele ia a toda a velocidade. “Deita-te!” gritou ela.

Contra a brancura ofuscante da neve, o João não conseguia ver a cerca nem qualquer razão para se deitar. Mas ouviu a ordem da mãe, e fez o que sempre tinha feito: obedeceu. Deitando-se para trás, no trenó, passou, como um raio, por baixo da cerca e caiu nos braços da mãe.

Se fosse eu que estivesse, nesse dia, naquele trenó, e tivesse ouvido a minha mãe gritar “Deita-te!”, é provável que tivesse gritado, em resposta: “Porquê?” – e não estaria, agora, a contar-vos esta história! Porque, se alguém me diz para fazer alguma coisa que parece não fazer sentido, eu quero saber

porquê. Quero *compreender*. Depois, obedeço. Para a maioria de nós, a compreensão vem antes da obediência.

Mas o João põe-nos frente a frente com uma questão acerca do nosso relacionamento com Deus: *Devemos obedecer a Deus mesmo quando não compreendemos porquê?*

O que é que O Fez Fazer Isso?

Abraão era um homem que obedecia a Deus, mesmo quando isso não parecesse fazer sentido. Mas deve ter havido uma causa mais forte para a obediência incondicional de Abraão, do que apenas um mero hábito. Quando examinamos a vida de Abraão, essa razão começa a tornar-se clara.

Na realidade, ela é resumida nestas palavras tiradas do livro de Génesis: “E creu ele no Senhor, e foi-lhe imputado isso por justiça” (Gén. 15:6).

Abraão *confiava* em Deus. Ele *cria* em Deus. A crença é a raiz; o comportamento é o resultado. A sua obediência era muito mais do que um mero hábito. Era uma experiência enraizada num profundo relacionamento de confiança com Deus.

Deus abençoou grandemente Abraão, e ele desfrutou de grande reconhecimento, fortuna, e prosperidade. Mas, embora desejassem muito, não tinham filhos. Parecia que a promessa de Deus tinha falhado. De onde viriam aqueles descendentes “como a areia do mar”, se eles não tinham um único filho?

Mas, no fim da nona – nona *década*, quero dizer – Deus actuou. Isaque nasceu. A promessa estava cumprida! Assim, a vida de Abraão, andando com Deus e obedecendo-Lhe, mesmo que nem sempre tenha compreendido porquê, parece ter sido recompensada.

Mas, acontece sempre assim? Será Deus apenas uma máquina de doces no Céu? Simplesmente deposita uma moeda de obediência e depois tiro a minha doce consequência? Teríamos muita dificuldade em convencer João Baptista disso, enquanto ele se encontrava na escura e húmida masmorra. Ou Jeremias, enquanto ele era persistentemente perseguido por pregar a Palavra de Deus. Ou Jesus Cristo, pendurado no Gólgota.

E o que acontece connosco, hoje? Será que um relacionamento de confiança com Deus requer obediência, mesmo quan-

do não compreendemos as ordens de Deus?

Em Génesis 22, Deus pede a Abraão que sacrifique o seu único filho, Isaque. Ao descrever essa experiência, Ellen White, no livro *Patriarcas e Profetas*, na página 120 (1ª Edição), escreve: “A ordem foi expressa em palavras que deveriam ter oprimido com uma angústia imensa aquele coração de pai: ‘Toma agora o teu filho, o teu único filho Isaque, a quem amas, ... e oferece-o ali em holocausto.’ ... Pareceu-lhe uma terrível impossibilidade.”

No início da história, a Bíblia diz: “Deus *provou* Abraão”. Podemos retrair-nos ao pensar em provas destas, pensando que eram para eras passadas, mas cada um de nós é provado

DEVEMOS OBEDECER A DEUS, MESMO QUANDO NÃO COMPREENDAMOS PORQUÊ?



por Deus. E Paulo diz-nos que não enfrentaremos tentações, nem provas, que não possamos suportar (I Cor. 10:13).

Deus deve ter tido uma confiança tremenda em Abraão para o ter provado como o fez. Deus não teria dado uma prova como aquela a alguém em quem não confiasse. Não me digam que o coração de Deus não pulsou com o desejo intenso de que Abraão passasse no teste.

Quando nós próprios enfrentamos provas severas, por vezes sentimos que Deus nos abandonou. Que já não se importa connosco. Que já não nos ama. Mas Deus nunca provaria alguém em quem não confiasse. Ele não nos quer *reprovar*; Ele quer *passar-nos*.

O Amor de uma Mãe

Quando o tsunami se abateu sobre a Ásia, em 2004, uma mãe, apanhada pelas águas, agarrou-se firmemente aos seus dois filhos. Enquanto lutava pela vida deles, a força das águas puxava-os constantemente para baixo.

Mais tarde, essa mãe diria: “Não tive escolha. Não os podia salvar aos dois.” Assim, ela largou o filho mais velho, na esperança de que ele pudesse, mais facilmente, salvar-se sozinho.

No fim, salvaram-se os três. Mas, podem imaginar a agonia desse momento?

Abraão sentiu uma agonia igual ao imaginar o sacrifício de Isaque. Os três dias de viagem até ao Monte Moriá foram de absoluta infelicidade para Abraão, mas a sua fé em Deus não o abandonou. Embora não compreendesse como, ele sabia que a promessa de Deus através de Isaque, seria cumprida.

Um Filho Confiante

Isaque tinha visto os altares, os sacrifícios, os cordeiros e os fogos. Sabia o que estava incluído. Perto do lugar onde o sacrifício deveria ser feito, ele perguntou, finalmente: “Pai, aqui está a lenha e o fogo, mas onde está o cordeiro?”

Sem que Isaque soubesse, tinha acabado de fazer a mais profunda pergunta que seria feita no Velho Testamento: “*Onde está o Cordeiro?*” Todas as cerimónias, todos os sacrifícios, todos os serviços do sistema do Velho Testamento apontavam para o Cordeiro vindouro. Mas, à medida que os séculos passavam e Ele não vinha, a pergunta ecoava ainda mais alto: “Onde está o Cordeiro?” Por fim, soando alto do Novo Testamento, vem a exclamação: “Eis o Cordeiro!” E, acima e para além de tudo, ecoa a exclamação triunfante do Céu: “*Digno é o Cordeiro!*” E, à luz de tudo isso, a confiante resposta de Abraão a Isaque toma

um importante significado: “Filho, Deus proverá para Si um cordeiro.”

Toda a lição desta história está adequadamente resumida nessas duas palavras: “Deus proverá.”

Resgate no Último Momento

Quando, finalmente, Abraão levantou a faca para sacrificar Isaque, Deus segura-lhe a mão e diz: “Já chega! Agora sei que Me amas. Agora sei que a tua fidelidade para comigo é total e completa.

“Mas, mais importante ainda, Abraão, é que o que é realmente necessário não é o teu sacrifício, mas o Meu; não é o teu cordeiro, mas o Meu; não é o teu filho, mas o Meu.”

E Isaque? Ele foi resgatado da dor da morte por um Cordeiro que deveria vir. E o Leitor? E eu? Resgatados da dor da morte por um Cordeiro que já veio!

Deus proverá? Sim! Deus já proveu!

Talvez ainda esteja na esperança de que Deus venha a prover o cordeiro *antes* de amarrar Isaque ao altar. Talvez aquela característica humana típica de “compreender primeiro, *depois* obedecer” ainda lhe esteja a correr nas veias. Mas talvez Deus esteja à espera que a prova acabe antes de lhe dar a resposta. Portanto, está disposto a agir antes do facto?

Deus Proverá

No fim de contas, esta história revela muito mais sobre Deus do que sobre Abraão. O clímax da história é: “E chamou Abraão o nome daquele lugar Jehovah-Jireh, Deus proverá” (ver Gén. 22:14). O nome chama a atenção para *Deus*, não para Abraão, porque foi naquela montanha, a pouca distância de Jerusalém, que Deus providenciou o Cordeiro que tem a resposta para cada

um dos nossos problemas.

A resposta para a necessidade de Abraão, a resposta para a necessidade de Isaque, era o Cordeiro. E o Cordeiro é a resposta para nós, hoje.

Abraão mostra-nos que todos temos uma premente necessidade em comum: a necessidade de basear a nossa fidelidade a Deus na Sua absoluta, firme, infalível fidelidade para connosco.

Por vezes, isso significa obedecer sem compreender; estar disposto a agir antes do acontecimento. Mas, àqueles que o fazem, a promessa de Deus soa triunfante e verdadeira – *Jehovah-Jireh! Deus proverá!* ■



Randy Roberts

Pastor Principal da Igreja da Universidade de Loma Linda



O POVO DO ÊXODO

Chris Oberg

Esta é uma história bem conhecida. É familiar aos nossos amigos Judeus, às nossas irmãs e aos nossos irmãos Muçulmanos, às pessoas de pouca ou nenhuma fé, e até às pessoas hostis para com Deus. Parece que toda a gente ouviu falar daquela noite em que Deus Se manifestou para libertar um cansado e exausto grupo de escravos.

Lemos Êxodo 14:10-12, pegando na história no momento seguinte aos Israelitas arrumarem as suas coisas e saírem a coberto da noite – com crianças, família, animais, roupas, comida e cobertores. A decisão tinha sido a de seguir a longa estrada que passava pelo deserto. Eles caminham, diz a Bíblia, encontrando-se cercados pelas montanhas e pelo mar sem um caminho por onde avançar.

Lamentando e Reclamando

Devido à passagem pelo deserto, os escravos (tendo sido cativos por mais de 400 anos) estão aterrorizados. Eles estavam habituados a ser maltratados, esmagados pelos seus senhores egípcios. Mas este é um nível de medo completamente diferente. Eles estão aterrorizados. As pessoas aterrorizadas comportam-se de formas específicas. Pessoas aterrorizadas no deserto, e sem opções, comportam-se como qualquer um de nós poderia esperar. Elas clamam, gritam, ficam furiosas, acusam, culpam, destroem coisas.

Porque é que não nos deixaste morrer no Egípto? Agora vamos morrer no deserto! Os escravos encontram-se, como diz um autor, “entre o diabo e o profundo mar azul”. Não podem voltar para trás, mas também não podem seguir em frente. Vão morrer. À medida que fogem do Faraó, eles não estão conscientes de quanto tempo o deserto será a sua casa e de

tudo o que vão vivenciar ali. Eles não têm forma de saber que vão vaguear pelo deserto. Vão continuar a clamar vez após vez. Vão desobedecer, acusar e tornar-se maus uns para com os outros. Vão roubar, matar e inclinar-se perante pedaços de rocha e de metais preciosos. *A passagem pelo deserto* é apenas o início da história. Mas eu considero que o deserto não é o tema orientador para o povo do êxodo – para a sua história ou para a nossa. Só porque nos encontramos no deserto isso não faz do deserto o nosso lar. Os Israelitas não eram filhos do deserto: eles (tal como nós) eram filhos do Éden e da Nova Jerusalém – o primeiro e o último lugar de habitação relatados nas Escrituras. Que desafio é não permitir que o ambiente, a cultura e as morais actuais ditem a nossa disposição e identidade!

Estamos na História de Deus

Os Israelitas não se lembravam do que tinha acontecido antes do deserto. Eles foram para o deserto com uma história. Antes da sua viagem, Deus tinha poupado a sua vida e, como uma comunidade completa, tinham celebrado a Páscoa e a protecção de Deus (Êxodo 12). Os seus pais e avós falavam-lhes da libertação que Deus realizaria. José estava tão certo disso que pediu que os seus ossos fossem levados quando Deus libertasse o Seu povo. Eles tinham-se esquecido de uma das afirmações-chave divinas, encontrada tão frequentemente nos capítulos 12 a 15 de Êxodo: *Eu sou o Senhor, teu Deus, que te tirei da terra do Egípto, da casa da servidão*. Esta é uma afirmação acerca de quem Deus é e do que Deus promete, e faz parte do importante preâmbulo dos Dez Mandamentos. Os preâmbulos são fundamentais. Sem esta compreensão de um Deus comprometido e bom que Se manifesta primeiro, os Dez

Mandamentos não fazem qualquer sentido. Da mesma forma, sem esta compreensão de um Deus comprometido e bom que Se manifesta primeiro, o Egípto e a libertação do Egípto, e o deserto, e o que quer que venha depois do deserto, não fazem qualquer sentido. Israel não se está a lembrar de Deus naquele preciso momento, enquanto está ocupado a reclamar.

Ao reler esta história, reconheço que esta é a história de Deus. Confesso, sendo Adventista de quarta geração e tendo crescido nesta comunidade de fé, que há momentos em que se torna claro que ignoramos a evidência de que esta é a história de Deus. Por vezes, somos humanos que se esquecem de que estão envolvidos na história de Deus. No nosso clamor e nas nossas reacções, o que mais precisamos é que Moisés se erga e nos lembre este preâmbulo: *O Senhor, nosso Deus, livrar-nos-á da terra do Egípto*. Esta não é a nossa história, a nossa Igreja; não são as nossas prioridades. Deus *não está na* nossa história. Nós é que *estamos na* história de Deus.

Ouçam a história de Deus

Neste ponto crucial, em Êxodo 14:13-18, Moisés lembra a Israel o Deus que lutará por eles. Admito que fico um pouco espantada com os passos claros e específicos que Moisés define para este grupo no deserto. Fico espantada com a forma como estes passos claros e específicos se aplicam a nós hoje, nós que nos encontramos reunidos como irmãos e

Avancem – mexam-se. Depois de nos lembrarmos de quem Deus é e do que Ele faz, somos chamados a responder. Isto é o que a Graça é e a forma como a Graça trabalha. A Graça manifesta-se primeiro – Deus manifesta-Se primeiro. Os seres humanos estão sempre numa posição de receber e depois responder – nunca de uma forma inversa. Um amigo no ministério pôs as coisas nestes termos: “O remanescente tem sempre que ver com o que Deus está a fazer; não com o que nós estamos a fazer.” E depois, quando vemos o que Deus está a fazer, nós avançamos! Nós tomamos parte na acção. Entrar em aliança com o Deus do Universo não é uma relação passiva. Há um tempo para avançar e fazermos a nossa parte. Tomemos atenção ao comentário de Ellen White: “A grande lição ali ensinada é para todos os tempos. ... A voz de Deus ordena claramente: 'Avante!'”*

4. *Deus liberta*. E Israel clama – outra vez – mas desta vez o seu clamor é de adoração, de pura adoração. Quando vemos Deus a ser Deus, cantamos um novo cântico. Êxodo 15 recorda a adoração prestada por Israel: *Seguramente Tu és o nosso libertador!* O Senhor triunfa gloriosamente, o Senhor é a minha força e o meu cântico, este é o meu Deus. Eu louvarei Deus! Não podemos esquecer este passo. Quão depressa avançamos quando a ameaça é silenciada e o caminho a seguir parece livre. Moisés e todo

DEUS NÃO ESTÁ NA NOSSA HISTÓRIA. NÓS É QUE ESTAMOS NA HISTÓRIA DE DEUS.

irmãos remanescentes dos filhos de Israel. Igreja Adventista do Sétimo Dia, ouvimos nós Moisés?

1. *Não tenhamos medo*. Ao longo da História, o povo de Deus necessitou várias vezes desta lembrança: antes de atravessar o Jordão e entrar na Terra Prometida; sentado no exílio em Babilónia; quando as boas-novas de um Salvador foram anunciadas a Maria e a José; quando o Evangelho começa a ser pregado num novo território. *Não tenhamos medo* – porque o medo, o terror e a preocupação levam-nos a desviarmo-nos do nosso caminho. O medo, o terror e a preocupação destroem a nossa comunidade. O medo, o terror e a preocupação não fazem parte da agenda hoje, nem esta semana. O que quer que vejamos diante de nós, como família espiritual mundial, não pode ser colocado de lado e vencido pelo medo, pelo terror e pela preocupação. A graça não nos convida a vivermos uma vida de terror.
2. *O Senhor trar-nos-á libertação*. O Senhor irá lutar. *Esta não é a vossa batalha*, disse Moisés. *Fiquem quietos*. Esta é uma das afirmações mais ricas desta história – que dá ao Povo do Êxodo mais uma oportunidade para recuar e deixar Deus ser Deus. Deus não foi apanhado na nossa história. Nós é que somos puxados para a história de Deus.
3. *Agora avancem*. Deus pergunta: Porque clamas a Mim?

o Israel lembram-nos hoje de que ser-se uma Igreja que adora é fundamental para a nossa experiência de sermos seres humanos na história de Deus.

Lembrem-se

Não tenhamos receio; a batalha não é nossa; avancemos; adoremos! Este é o conselho das Escrituras para este dia. Como família espiritual, vale a pena parar ocasionalmente no deserto. Vale a pena lembrar o que significa sermos escravizados pelos poderes em competição no nosso mundo. Vale a pena recordar que a grande controvérsia não é a nossa batalha, mas a batalha de Deus. Vale a pena recordar que não vamos observar passivamente enquanto Deus faz novas todas as coisas. Nós avançaremos, tornando-nos as respostas parciais às orações que fazemos em busca de libertação. Vale a pena, todos os dias, adorar o Deus que fez os Céus e a Terra e tudo o que neles há. Podemos realizar muito por Deus aqui neste lugar – mas a nossa primeira prioridade é a de sermos um povo que adora, um povo que se lembra de Deus. ■

*Ellen White, *Patriarcas e Profetas*, 1ª ed. P. SerVir, p. 250.

Chris Oberg

É pastora na Igreja da Universidade de La Sierra, em Riverside, na Califórnia, EUA.

Graça

NO CALVÁRIO



Matthew A. Bediako

Há dois mil anos, Jesus veio a esta Terra e realizou o sacrifício perfeito por si e por mim. Ele deu a Sua vida como expiação pelos nossos pecados.

A Bíblia diz-nos que, embora fôssemos ainda pecadores, Cristo morreu para nos salvar da pena do pecado. O sacrifício do meu Jesus assegurou a nossa libertação do pecado para todo o sempre. Concedeu-me a mim, pecador, um novo estatuto. Já não sou um escravo. Já não sou um ser estranho, mas um filho do Deus Vivo.

Momentos antes, e durante a Última Ceia, Jesus tentou dar a conhecer aos Seus discípulos os eventos que se iriam desenrolar em breve. Aproveitou a ocasião para os encorajar. Caminhou com o grupo em direcção ao Getsémani. Quando chegaram ao jardim, Jesus escolheu três dos Seus discípulos e juntos afastaram-se um pouco. Ali, Ele incumbiu-os de vigiar

e orar com Ele. Jesus dirigiu-Se para um local escondido. Caiu no chão, sentindo que o pecado estava a separá-l'O do Seu Pai. Como ser humano, Jesus tinha de sofrer o resultado do pecado do homem e de suportar a ira de Deus contra o pecado. Durante este tempo, o destino eterno do mundo estava na balança. Satanás estava ali para O tentar.

Jesus voltou para Se juntar aos discípulos e encontrou-os a dormir. Ele esperava que estivessem acordados, orando por Ele e por si próprios. Entretanto, Judas tinha chegado a um acordo com os sacerdotes para trair Jesus. Depois de Judas beijar Jesus, a multidão atou as mãos de Jesus como se de um criminoso se tratasse e levou-O para ser julgado – traído pelo Seu próprio povo.

Os guardas empurraram Jesus pelo meio das ruas silenciosas da cidade que dormia. Já passava da meia-noite. Com as Suas mãos ainda presas, o Salvador movimentava-Se

dolorosamente em direcção ao palácio de Anás, um antigo sumo sacerdote. Anás era o membro mais velho da família de sacerdotes Judeus que dirigia o Templo. Devido à sua idade, o povo respeitava-o como se ele ainda fosse o sumo sacerdote. A sua opinião era, para muitos, tida como a opinião de Deus (ver *O Desejado de Todas as Nações*, p. 595, P. SerVir).

Eles recebiam que Caifás, mais novo, e actual sumo sacerdote, não tivesse a força e a coragem para condenar Jesus à morte. Também era contra a lei judaica julgar um criminoso durante a noite. Mas eles não podiam esperar, pois temiam que outras pessoas viessem e libertassem Jesus.

Rapidamente arranjaram falsas testemunhas para testificarem contra Jesus. Se eles conseguissem provar que Ele blasfemava contra Deus (afirmando falsamente ser Deus), os Judeus poderiam condená-l'O.

Havia inúmeras testemunhas que poderiam provar que Jesus tinha acusado os sacerdotes de serem hipócritas e assassinos, mas eles não queriam trazer isso à luz. O Sinédrio condenou Jesus à morte.

Jesus permanecia em pé, atado como um prisioneiro, rodeado por guardas, na sala de julgamento de Pilatos, o governador romano. Lá fora estavam os sacerdotes, os juizes do Sinédrio e a multidão de pessoas. Eles já tinham condenado Jesus, mas tinham-n'O trazido a Pilatos para confirmar

da Sua cabeça, das Suas mãos e dos Seus pés; a agonia que dilacerou o Seu corpo com cada fôlego de ar e a angústia inexplicável do Seu coração pela separação do Seu Pai – fala a cada um de nós. Por si, o Filho de Deus aceita carregar esta culpa. Por si, Ele luta contra a morte e vence. Por si, Ele abre as portas do Céu. Por si, Ele oferece-Se como um sacrifício. Ele realiza cada um destes actos porque o ama” (Alvin Cook, *Feed the Flock*, p. 403).

Marcos 15:27, 28 diz-nos: “E crucificaram com Ele dois saltadores, um à Sua direita, e outro à esquerda. E cumpriu-se a escritura que diz: E com os malfetores foi contado.”

Claro que Jesus fez mais do que cumprir a profecia quando foi suspenso na cruz. Ele foi crucificado como nosso substituto e morreu no nosso lugar para expiar os nossos pecados (ver I Cor. 15:3).

Então, a cruz fazia parte do plano de Deus. No Calvário, Ele enfrentou o desafio do inimigo e lidou realmente com o problema do pecado. No Calvário, a graça de Deus manifestou-se na morte de Jesus.

O que é a graça?

A graça é um favor imerecido. É o amor de Deus em acção. A graça é também definida como o amor de Deus – espontâneo, bonito e imerecido – a trabalhar em Jesus Cristo para a

JESUS FEZ MAIS DO QUE CUMPRIR A PROFECIA, QUANDO FOI SUSPENSO NA CRUZ.

e executar a sentença de morte. Chamaram testemunhas que acusaram Jesus de enganar as pessoas. Pilatos enviou Jesus para Herodes. A multidão seguiu-O, mais uma vez.

Depois de Lhe fazer algumas perguntas, Herodes pediu a Jesus que realizasse um milagre de forma a poder soltá-l'O. Jesus permaneceu em silêncio. Essa atitude enfureceu Herodes que declarou Jesus um impostor. Mandou Jesus de volta para Pilatos. Na esperança de satisfazer os líderes Judeus, Pilatos fez com que Jesus fosse açoitado.

Ele colocou Jesus e Barrabás perante a multidão e perguntou-lhes qual deles deveria ser solto e qual deles deveria ser condenado. A multidão gritou: “Crucifica Jesus!” Depois de lavar as suas mãos, Pilatos entregou Jesus aos sacerdotes e aos líderes para O crucificarem. A cruz que tinha sido feita para Barrabás foi dada a Jesus.

Cristo morreu por Sua livre e espontânea vontade. Embora tenha sido oferecido pelo Pai, Ele também Se deu a Si mesmo livremente. O Seu sacrifício foi voluntário. Ele deixou o Céu expressamente para este fim. Morreu como substituto dos pecadores. Jesus morreu para que, pelo Seu sangue, pudesse redimir-nos para Deus.

Ele fez isso por nós

“O perfeito Filho de Deus foi pendurado numa cruz por si e por mim. Tudo o que Ele sofreu – o sangue que escorria

salvação do homem pecador. É o trabalho de Deus em Cristo Jesus que nos é gratuitamente concedido.

Na sua carta aos Efésios, Paulo acrescenta este importante facto à sua afirmação de que a salvação se obtém pela graça através da fé. “Porque pela graça sois salvos, por meio da fé, e isto não vem de vós, é dom de Deus; não vem das obras, para que ninguém se glorie” (Efé. 2:8, 9). Os seres humanos não merecem nada de Deus a não ser a morte eterna (ver Rom. 6:23).

A base da graça de Deus é o amor. Deus ama-nos apesar de nós mesmos. A graça começa sempre com uma iniciativa de amor de Deus. “Porque Deus amou o mundo de tal maneira, que deu o Seu Filho unigénito, para que todo aquele que n'Ele crê não pereça, mas tenha a vida eterna” (João 3:16).

A salvação é sempre uma iniciativa de Deus. Foi o que aconteceu com os nossos primeiros pais no Jardim do Éden. Foi Deus que os procurou.

No seu livro, *Graça Excelsa*, Lonnie Melashenko escreve: “Jesus desceu de um trono no Céu para este pequeno Planeta imundo. Ele veio para viver entre pessoas como vocês e eu. ... Ele veio sabendo que iria ser rejeitado, e perseguido, e ridicularizado, e morto. Mas Ele fê-lo na mesma para que algo chamado graça pudesse ser a nossa salvação. Graça. Graça excelsa.”

Em Filipenses 2:5-11 é-nos dito: “De sorte que haja em vós o mesmo sentimento que houve também em Cristo Jesus;

que, sendo em forma de Deus, não teve por usurpação ser igual a Deus; mas aniquilou-Se a Si mesmo, tomando a forma de servo, fazendo-Se semelhante aos homens; e, achado na forma de homem, humilhou-Se a Si mesmo, sendo obediente até à morte, e morte de cruz. Pelo que, também, Deus O exaltou soberanamente, e Lhe deu um nome que é sobre todo o nome; para que, ao nome de Jesus, se dobre todo o joelho dos que estão nos céus, e na terra, e debaixo da terra, e toda a língua confesse que Jesus Cristo é o Senhor, para a glória de Deus Pai.”

As três cruzes

Havia três cruzes no Calvário. Havia também três homens, um em cada cruz (ver Luc. 23:35-43).

Vamos chamar à cruz de Jesus “Cruz de Redenção”. Ele podia ser pregado na cruz por homens ímpios, mas estes não poderiam impedir-l’O de salvar uma alma, mesmo a partir da cruz.

Podemos chamar à cruz do ladrão arrependido “Cruz da Recepção”. A Palavra de Deus diz: “Veio para o que era Seu, e os Seus não O receberam. Mas, a todos quantos O receberam, deu-lhes o poder de serem feitos filhos de Deus, aos que crêem no Seu nome” (João 1:11, 12).

Aquele ladrão foi salvo no último minuto e salvo apenas pela fé. Foi uma vitória da graça. Pelo que ele próprio disse de si mesmo, ele não era um homem bom. Mas, por intermédio

capitão de um barco negreiro. Tenho a certeza de que ele fez uma paragem na Costa do Ouro – o actual Gana.

Em *Graça Excelsa*, Lonnie Melashenko escreve o seguinte acerca de John Newton: “Ele conseguiu o seu dinheiro, os seus meios de sobrevivência, comercializando carga humana. ... Se alguma vez um homem esteve perdido, ele foi esse homem. Se alguma vez um homem ficou indiferente à angústia e à miséria à sua volta, esse homem foi John Newton. Indiferente ao poder salvador de Jesus Cristo” (p. 58).

Contudo, numa das viagens de regresso a casa, enquanto tentava dirigir o barco por entre uma tempestade violenta, Newton experimentou aquilo que, mais tarde, viria a designar como a sua “grandiosa libertação”. Ele escreveu no seu diário que, quando tudo parecia perdido e o navio iria seguramente afundar-se, exclamou: “Senhor, tem misericórdia de nós.”

Mais tarde, na sua cabine, reflectiu no que tinha dito e começou a acreditar que Deus Se tinha dirigido a ele através da tempestade e que a graça tinha começado a trabalhar por ele.

Newton veio a ser, mais tarde, um sacerdote.

Quando John Newton clamou por Deus, o meu misericordioso Deus foi em seu socorro com a Sua graça milagrosa. Ele teve um encontro com o Jesus da “Cruz da Redenção”, esteve face a face com o Calvário e aceitou o dom da graça de Deus.

Diz-se que foi com a mesma caneta que usava para calcular o seu lucro no comércio de vidas humanas, como capitão

QUANDO JOHN NEWTON CLAMOU POR DEUS, UM DEUS MISERICORDIOSO FOI EM SEU SOCORRO COM A SUA GRAÇA MILAGROSA.

da graça, os seus pecados foram cobertos pelo sangue derramado naquela cruz no centro.

À cruz do outro ladrão podemos chamar “Cruz da Rejeição”. O homem que estava pendurado naquela cruz queria ser salvo à sua maneira. Ele não queria ser salvo do pecado, mas sim salvo do sofrimento – o resultado dos seus pecados. Então juntou-se aos sacerdotes e anciãos que diziam: “Salvou os outros, e a Si mesmo não pode salvar-Se” (Mat. 24:42).

Hoje, há milhões de pessoas que querem ser salvas do sofrimento, do medo, da dor, da pobreza, das dificuldades e da morte, mas não querem a cruz.

Deus não nos impõe os Seus dons. O sermos santos ou pecadores depende inteiramente da nossa atitude para com o Salvador e a Sua cruz.

Graça Excelsa

Uma das atracções para os turistas que visitam o Gana, o meu país de origem, é ver os mercados de escravos no Cabo Corso e no Castelo de Elmina. Quando ouvimos os relatos do que se passou nas várias salas e nas masmorras, conseguimos compreender a malvadez da humanidade.

Era uma forma maldosa e perversa de ganhar a vida. E esse era o mundo de John Newton. Diz-se que Newton era

de um barco negreiro, que ele escreveu o cântico que todos gostamos de cantar – “Graça Excelsa”.

É uma questão de escolha

Lembrem-se dos dois ladrões que foram crucificados com Jesus. Um virou-se para Jesus e suplicou o perdão. O outro não o fez. Foi uma questão de escolha. A escolha que fizerem agora afectará o vosso destino.

Não acreditem nas mentiras do maligno.

Não acreditem que o que fizeram no passado não pode ser perdoado.

Não acreditem que não são bons o suficiente para que Deus vos possa perdoar. Ele morreu porque vos ama. Tudo o que têm de fazer é escolher chamar por Ele. Aceitem o que Ele fez na cruz do Calvário por vocês. A Sua graça é suficiente para todos os pecados que cometeram. Agora mesmo, se clamarem a Deus “Senhor, tem misericórdia de mim”, como John Newton fez, Ele está pronto para vir em vosso socorro e salvá-los! ■

Matthew A. Bediako
Era secretário da Conferência Geral,
quando apresentou este sermão.



D. Paul Frederick

Viver PELA GRAÇA DÁ ESPERANÇA E CERTEZA

Como ministro do evangelho, pela graça do nosso amado Senhor, estou aqui para encorajar os crentes com as bênçãos que resultam de uma vida na graça. Estou aqui para vos encorajar a reflectirem, com oração, nas formas como uma vida pela graça nos dá esperança e certeza.

Viver pela graça dá esperança e certeza porque nos coloca sob uma nova direcção.

Um dos problemas mais graves que a Igreja Cristã enfrenta nos dias de hoje, é o legalismo. Ele retira ao crente toda a alegria do Senhor. Nada mais deixa para além de uma profissão de fé limitada, triste, sem brilho e indiferente. O legalismo é uma conformidade obsessiva com um padrão artificial para obter a salvação. Mas, quando vivemos pela graça, tomamos consciência de que tudo aquilo de que precisamos, na nossa experiência cristã, é de um dom de Deus.

Recentemente, vi uma oferta especial, nos saldos: “Compre um, leve outro grátis”. Eu tinha de comprar um artigo para receber outro sem pagar. Viver pela graça não é nada disso. Viver pela graça dá-me a esperança e a certeza de que, juntamente com o arrependimento e a obediência, as seguintes bênçãos são absolutamente grátis:

→ Justificação: ser justificados perante Deus é uma dádiva de Deus (Rom. 5:15).

- Santificação: ser tornados santos por Deus é uma dádiva (I Cor. 1:30).
- A fé é uma dádiva (Rom. 12:3).
- O Espírito Santo é uma dádiva (Actos 2:38).
- A graça é uma dádiva (Efés. 2:8).
- O perdão é uma dádiva (Actos 5:31).
- A vitória sobre o pecado é uma dádiva (I Cor. 15:57).
- Um novo coração é uma dádiva (Eze. 36:26).
- A justiça é uma dádiva (Rom. 5:17)
- A vida eterna é uma dádiva (I João 5:11, 12).

Viver pela graça dá esperança e certeza porque nos garante a salvação.

Pensem em I Coríntios 15:10. Paulo devia tudo à “graça de Deus”. Há três factos básicos sobre a graça de Deus como uma dádiva:

1. Deus faz o que faz, pela graça. Paulo merecia ser julgado com severidade, mas, em vez disso, Deus deu-lhe a Sua graça.
2. Esta dádiva permite-nos dizer: “Sou o que sou pela graça de Deus.” Nestes dias de intensa busca de auto-realização, com grande ênfase na importância das vitórias pessoais e da construção de um reino pessoal centrado no eu, esta ideia de dar o crédito à graça é uma mensagem muito necessária.

3. Deus permite-nos ser como somos pela Sua graça. A graça não é algo que possamos, simplesmente, reclamar; deve ser demonstrada. Deve ser partilhada, usada como base para as amizades, e à qual devemos recorrer para termos relacionamentos duradouros.

O facto é que Deus ajuda os desamparados, os indignos, aqueles que não estão à altura, os que não conseguem chegar aos Seus padrões (ver Rom. 5:15, 20).

Viver pela graça alerta, anima e dá o poder para vencer o pecado, porque somos mais do que vencedores em Cristo Jesus.

O livro *O Peregrino*, de John Bunyan, é uma criativa obra de arte na qual a verdade bíblica é tornada pertinente para qualquer geração. Relata a história fascinante de um homem chamado Cristão, cuja peregrinação da Terra ao Céu – do pecado para a salvação – está cheia de todas as lutas e ciladas que a vida lhe pôde pôr à frente. O Cristão teve de lidar igualmente com amigos e inimigos, todos eles com nomes descritivos, tais como, Evangelista, Auxílio e Intérprete, que o animavam na sua “viagem”, e Flexível, Obstinado, Hipocrisia, Apolião, um gigante chamado Desespero, e muitos outros que o estorvavam.

Pouco depois do seu encontro com o Legalismo, o Cristão é levado pelo Intérprete para uma sala cheia de pó. Nunca tinha sido varrida desde o dia da sua construção. Depois de acabada a limpeza, o Cristão pergunta: “O que é que isto quer dizer?”

“O Intérprete respondeu: ‘Esta sala é o coração de um homem que nunca foi santificado pela doce graça do evangelho; o pó é o seu pecado original e a corrupção interior que contaminou o homem todo. Quem começou a varrer primeiro foi a Lei; mas quem trouxe a água e borrifou o pó foi uma jovem chamada Evangelho. Agora, como viste, logo que a primeira começou a varrer, o pó levantou e espalhou-se de tal forma que a sala não pôde ser limpa, e tu quase sufocaste; isto é para te mostrar que a Lei, em vez de limpar, pela sua acção, o pecado do coração, reaviva-o, dá-lhe força e aumenta-o na alma, ao mesmo tempo que o descobre e proíbe, pois não dá forças para o vencer.’

“Depois, como viste, a jovem borrifou a sala com água, e então foi um prazer limpá-la; isto é para te mostrar que, quando o evangelho leva a sua doce e preciosa influência ao coração, depois, digo eu, da mesma forma que viste a jovem fazer o pó assentar ao borrifar o chão com água, também é o pecado vencido e subjugado, e a alma é limpa através da fé e, conseqüentemente, tornada digna para que o Rei da glória nela habite.”

Foi preciso a graça para limpar a sala de todos os seus erros. Ainda o é.

Quem conhece o livro *O Peregrino* poderá lembrar-se de que o nome original do Cristão era “Privado-da-Grça”. E nós? O nosso nome é, agora, Cristão, mas nem sempre foi assim.

Neste preciso momento, viver pela graça dá-nos esperança e certeza que arrancam o pesado fardo do pecado das nossas costas. Tendo sido privados-da-grça durante muitos anos, que possamos, agora, ser “conscientes da graça”, “atentos à graça” e “cheios de graça”.

Viver pela graça dá esperança e certeza, porque nos apresenta um Salvador que está empenhado em salvar almas.

A fonte, o objecto e o segredo da esperança e da certeza são dados em I João 5:11: “E o testemunho é este: que Deus nos deu a vida eterna; e esta vida está no Seu Filho.” Cristo morreu; e a Sua subsequente ressurreição do túmulo foi o pagamento final que Deus fez pelo pecado. E João continua, mostrando-nos a *responsabilidade* de viver pela graça: “Estas coisas vos escrevi, para que saibais que tendes vida eterna, e para que creiais no nome do Filho de Deus” (I João 5:13).

A graça, embora totalmente imerecida (II Cor. 8:9), é mais do que adequada para o problema do pecado (Rom. 5:20). É oferecida a cada um de nós, porque Deus quer que estejamos com Ele para sempre (João 3:16).

Viver pela graça dá esperança e certeza porque aperfeiçoa o nosso carácter, fá-lo completo.

Lembram-se da história de Samuel Naik? Ele era o pastor adventista que foi decapitado o ano passado durante o conflito com os Hindus que o atacaram brutalmente por ele ser cristão. A sua esposa, Sra. Samuel Naik, foi uma das delegadas a esta Sessão. Precisam de uma epístola melhor do que ela, enquanto toda a Igreja a observa neste momento, o epítome e ícone da maravilhosa graça de Deus?

A Sua graça ensina-nos (ver Tito 2:11, 12). A graça de Deus também nos permite servi-l’O (ver Heb. 12:28). Temos de crucificar a carne e viver pela graça de Deus.

A Sua graça permite-nos crescer (ver II Ped. 3:18). Dá-nos força (ver II Tim. 2:1). A Sua graça também permite que alcancemos outros com o evangelho – e façamos deles discípulos. “A mim, o mínimo de todos os santos, me foi dada esta graça, de anunciar entre os gentios, por meio do evangelho, as riquezas incompreensíveis de Cristo” (Efé. 3:8).

- A graça é uma *dádiva divina*.
- A graça é uma *dádiva permanente*.
- A graça é uma *dádiva pessoal*.
- A graça é uma *dádiva certa*.

Conclusão

Meus companheiros peregrinos, será o progresso mais doloroso do que esperavam? Estarão a começar a perguntar-se se estarão no caminho errado?

Confiem em mim, não estão. Deus está a trabalhar convosco. A Sua poderosa mão está sobre vós. O Seu amor está ao vosso redor. Despertem e reclamem-no. Estão na sala de provas para a realeza. O nome do alfaiate é Graça ... e quando estiverem perfeitamente ajustados, o processo terminará. Até então, continuem a viver pela graça. ■

D. Paul Frederick

Pastor da Igreja Adventista Inglesa
em Hasur, Índia



FÉ NA *Abundante* GRAÇA DE DEUS

Dennis Meier

Ora, sem fé, é impossível agradar-Lhe; porque é necessário que aquele que se aproxima de Deus creia que Ele existe, e que é galardoador dos que O buscam. – Hebreus 11:6

No meu ano de finalista na Universidade de Helderberg, na África do Sul, partilhei um pequeno apartamento com um amigo. Um dia, enquanto estudava, detectei, com a minha visão periférica, uma sombra minúscula, que se movia rapidamente pela nossa cozinha. Olhei, sem me mover... até que o vi: um rato fazia da minha cozinha a sua habitação. Cheguei à conclusão de que necessitava de um profissional, um caçador experimentado, para o meu problema com este roedor. O casal que vivia no apartamento ao lado tinha dois gatos. Eu pedi-lhes que me emprestassem um deles. A missão do gato era clara: Tu és um gato e está um rato na minha cozinha – mata-o! Eu sabia que o rato estava debaixo do frigorífico, pelo que peguei no gato e coloquei-o mesmo em frente ao electrodoméstico. O gato permaneceu ali, visivelmente desinteressado. “Bem, talvez precise de o ver”, pensei eu, e, com algum esforço, lá consegui arrastar o frigorífico, fazendo com o que o rato saísse do seu esconderijo.

De repente, o rato saiu disparado de debaixo do frigorífico e entrou na divisão contígua – passando mesmo junto ao nariz do gato. Nada aconteceu. Abreviemos a história: durante a hora seguinte, levantei e arrastei todas as peças de mobiliário desse quarto, para que o gato pudesse ver o rato. Finalmente, o rato escondeu-se debaixo de uma dobra da

carpete. Eu barriquei todas as suas saídas possíveis, peguei no gato, sentei-o no chão, levantei a borda da carpete, e disse: “*Monsieur, o almoço 'stá serrvido!*” O rato olhou para o gato e o gato olhou para o rato. O gato nem se mexeu...

O rato, gatos – e a Graça

Este é um sermão sobre a proclamação da graça, e esta história encerra em si duas lições. A primeira é: se for Adventista, mas desconhecer o que é a graça, então, é como aquele gato. Era um gato muito bonito, com muito boas maneiras, mas não fazia o que seria suposto que um gato fizesse. Não possuía uma visão, nem uma missão. E, com certeza, já terá adivinhado a segunda lição: naquela noite, o rato experimentou a graça. Eu levei-o lá para fora e deixei-o ir embora.

O texto das Escrituras que iremos analisar em conjunto está em Hebreus 11, o quadro de honra dos fiéis.

Todos desejamos agradar a Deus

A linguagem e o modo de pensar presentes em Hebreus 11 são muito diferentes dos nossos. De onde eu venho, as pessoas raramente falam sobre fazer algo para agradar a Deus. Não me interpretem mal; todos nós, que acreditamos que Ele existe (verso 6) queremos, de certo modo, agradar a Deus. Mas, como Adventistas, estamos imersos na linguagem de Paulo e de Lutero. Não fazemos coisas para agradar a Deus porque isso nos cheira a legalismo.

Mas, bíblicamente falando, agradar a Deus e ser recompensado por isso é algo que foi colocado na nossa natureza. Querer agradar a Deus é um desejo humano básico. E, como

tal, não existe nada de errado em relação a isso. No entanto, muitas vezes nós não compreendemos *o quê* agrada a Deus. Na realidade, muitas interrogações que se colocam à nossa ética pessoal, e muitas escaramuças na nossas igrejas, andam à volta desta questão.

Há uma clara progressão de pensamento em Hebreus 11. Começa com uma definição algo estática de fé. “A fé é o firme fundamento das coisas que se esperam, e a prova das coisas que se não vêem” (Heb. 11:1). Isto é verdade – e profundo. Não obstante, precisa de ilustrações retiradas da vida real. O autor bíblico começa a enumerar: Abel, Enoque... e todos concordaríamos que o mártir e o santo são boas escolhas para ilustrar a fé. Mas, então, o autor faz-nos uma surpresa. Abel não é um exemplo de fé por ter morrido. Enoque não é um exemplo de fé por ser um santo. Eles tinham fé na abundante graça de Deus. Eles compreenderam que, independentemente de tudo o que um mártir possa sofrer ou da determinação inabalável de agradar a Deus que um santo manifeste na sua vida, a condição inegociável para agradar a Deus é a fé na Sua graça. Sem fé, somos como aquele gato inútil.

Agradar não é um meio em si mesmo – estar junto é que é

Já alguma vez se interrogaram sobre o motivo que nos leva a querer agradar a Deus? É somente porque desejamos obter algo d'Ele, ou porque nos faz sentir bem? Agradar a Deus não é um meio em si próprio; agradar tem um sentido. Se estivermos dispostos a despir-nos das nossas motivações egoístas para agradar a Deus, descobriremos que o que mais desejamos é descansar no Seu abraço. Desejamos ouvir Deus dizer-nos: “Gosto de ti. Agradar-me-ia passar a eternidade contigo.” Queremos agradar a Deus porque ansiamos ouvir palavras de graça.

Sabem o que torna Hebreus 11 tão especial? Não é a sua lista de pessoas. Não é poder recordar as histórias dos heróis da fé. É o facto de nos dizer que, pela fé, nós também podemos entrar nesse quadro de honra, e que Ele conseguiu alcançar aquilo que nós nunca alcançaríamos. A graça não é um conceito que deve ser definido, mas um nome que deve ser confessado: Jesus Cristo, Deus connosco.

Vendo a Graça onde não a esperávamos

É por esse motivo que o texto fala de Deus como um galardoador. Quando pensamos em galardão, pensamos usualmente em benefícios. Quando Deus pensa em galardão, Ele pensa em companheirismo. A recompensa de Deus consiste em ajudar-nos a ver a graça onde, por nós, não conseguimos. No meu ministério, descobri uma coisa: sou, por natureza, cego, incapaz de ver a graça. O prémio que Deus nos dá frequentemente consiste em ajudar-nos a ver a graça. É por isso que o texto fala *dos que O buscam*. A graça não vem até nós naturalmente. Se almejamos compreendê-la, temos de a procurar.

Sendo pastor, aprecio celebrar a Santa Ceia com os doentes e os idosos. Sempre desejei fazer dessa experiência um momento solene. Abro a minha Bíblia e oro com as pessoas. Até lhes canto alguns hinos. As pessoas são educadas, mas nem sempre era um momento muito sagrado...

A Micky é uma jovem de 24 anos, que luta contra a toxicodependência e os traumas psicológicos. Eu tinha-a baptizado há alguns anos. Um dia, apercebi-me de que ela nunca tinha participado numa Santa Ceia. Ela não podia ir à igreja, por causa do seu estado, então, ofereci-me para partilhar a comunhão com ela, em sua casa. Peguei no pão e no sumo de uva e dirigi-me para lá. Desejava tornar a graça de Deus palpável. Antes de começarmos, ela disse: “Tenho estudado a Bíblia com uma vizinha, mãe solteira, que mora ao fundo do corredor. Ela nunca viu um pastor. Importa-se que ela venha e se junte a nós nesta Santa Ceia?” Cinco minutos depois, o nosso grupo havia crescido: o pastor adventista, com o seu pão e o seu sumo; uma mulher de 24 anos, muito mal tratada pela vida; uma mãe solteira, que vivia de subsídios estatais; o seu filho de dois anos; e um enorme cão. O filho brincava no chão, interrompendo-nos constantemente. O grande cão tentava incansavelmente subir para o meu colo. A vizinha disparava para cima de mim todas as perguntas próprias de quem nunca tinha visto um pastor. E lá estava o Dennis Meier, o pastor enviado para fazer a Santa Ceia com aquele grupo.

Tentei, em vão, criar a atmosfera propícia. O cão estava praticamente a comer-me. Tocou o telemóvel. O garoto brincava com uma bola no chão. Eu tinha de responder a questões como: “Por que permite Deus tanto sofrimento no mundo?” Bem cá dentro, queixei-me: “Deus, não consigo trabalhar assim!” Não me lembro como o consegui, mas, finalmente, já tinha lido uma porção das Escrituras, orado, oferecido o pão e o sumo, e até me despedira e entrara no carro. À medida que me afastava do local, sentia-me um falhado. “Era suposto que os fizesse ver a graça de Deus!”

Então, uma curta mensagem da Micky entrou no meu telemóvel: “Obrigado por este momento especial com Deus. Significou muito para nós.”

Deus estava ali, com toda a Sua graça, e eu não consegui vê-la. Eu acabara de presenciar o que Jesus fazia, quando entrava em casas das pessoas. Casas humildes, miseráveis, oprimidas – transformadas pela graça de Deus. Eu vira Deus a trabalhar. *Sem fé, é impossível agradar-Lhe*. Tinha havido fé e Deus estava agradado.

Se desejamos proclamar a graça, precisamos de pedir a Deus que abra os nossos olhos, para a vermos. Esse é o maior galardão e o maior desafio de ser uma Igreja com uma missão de graça. ■

Dennis Meier

Pastor da Igreja Adventista de Grindelberg
Hamburgo, Alemanha

Sang Lae Kim

Graca e Família

NUM MUNDO FRAGMENTADO

Depois da Criação, Deus disse que tudo era bom. Depois de criar Adão, preparou-lhe uma “casa”, mas não havia um “lar”. A casa – o Éden – era apenas um espaço vazio, sem um lar. “Sem companhia, as belas cenas e as agradáveis ocupações do Éden teriam deixado de proporcionar uma perfeita felicidade”, disse E. G. White (*Patriarcas e Profetas*, p. 23, 1ª ed, P. SerVir). A Criação só ficou completa quando se formou um lar feliz, o qual foi o resultado final e um dom da graça do Criador.

A Redenção é a restauração da ordem original da Criação. E o acto final da Redenção é a restauração de um “lar feliz”. Se há uma coisa que o povo de Deus deve vivenciar para compreender realmente o prazer da redenção, essa coisa é uma vida familiar feliz.

O amor de Deus exprime-se através da família. Isto significa não só que o nosso relacionamento com o Senhor representa uma relação familiar, mas também que o nosso relacionamento familiar deve representar a nossa relação com o Senhor.

Recentemente, um amigo pastor sofreu um ataque cardíaco. Felizmente, foi levado para o hospital a tempo, e a sua vida foi poupada. Nunca poderíamos sobreviver sem o nosso coração.

O que é que é o coração da nossa sociedade, da Igreja e da

nação? Ellen White diz: “O coração da comunidade, da Igreja e da nação é a família” (*A Ciência do Bom Viver*, p. 349).

Sendo assim, a família é o principal alvo dos ataques de Satanás – uma batalha sem quartel que se trava no coração da nossa Igreja e da sociedade. O relacionamento entre cônjuges, entre pais e filhos, entre irmãos e irmãs está em ruínas.

Problemas na Família: Um Fenômeno Vulgar Universal

Os problemas na família não são novos. Adão e Eva culpavam-se um ao outro, dizendo que o outro era responsável pelo seu pecado. Abraão sofreu devido ao conflito entre as suas duas mulheres. Isaque e Rebeca enganaram-se um ao outro, e Jacob viveu uma vida infeliz, por causa dos problemas entre os seus filhos. Histórias como estas encontram-se em toda a Bíblia. Por isso, não nos surpreende ver o mesmo tipo de conflitos entre as famílias de hoje.

Os conflitos acontecem mesmo nos casamentos de devoção e fé. Vejam Isaque. Isaque amava realmente Rebeca (Gén. 24:67). O casal orou fielmente durante 20 anos e, finalmente, foi abençoado com a chegada de gémeos. No entanto, em Génesis 27 descobrimos algo inesperado. Vemos membros da família que se enganam uns aos outros e que duvidam uns dos outros.

É espantoso ver como a família de Isaque e Rebeca pôde experimentar um tal colapso de confiança. Como é que uma família tão devota pôde ficar tão arruinada? A família de Isaque é apresentada na Bíblia como ideal, e, no entanto, eles também tiveram dificuldades. Na verdade, os problemas familiares acontecem dentro e fora de um contexto bíblico.

Causas dos Problemas Familiares

Os problemas no seio da família geralmente vêm de duas áreas: interna e externa. O principal factor interno é a perda da unidade. Num nível externo, encontramos a infiltração do secularismo.

Satanás não pode entrar numa família que tem laços familiares fortes. Se a família está fortemente unida pelo princípio do amor que opera através da graça de Deus, essa família será uma fortaleza invencível. Mas se esse elo estiver debilitado, Satanás fica em vantagem.

O secularismo sempre foi a causa principal de problemas nas famílias da Igreja. Se um membro da família se torna demasiado secular, a paz espiritual dessa família pode ser destruída. Esaú não era só um homem duro e “selvagem” – e uma pessoa aventureira e destemida não é, necessariamente, secular. O problema de Esaú não estava no seu carácter pessoal, mas na sua escala de valores. No fundo do seu coração ele não respeitava as questões espirituais (Gén. 25:34). A sua visão secular dos valores resultou na venda do seu direito de primogenitura e na sua escolha de casar com duas mulheres hititas (Gén. 26:34). Ellen White explica: “Sempre sujeito às meras aparências e atracções terrenas, Esaú casou com duas mulheres das filhas de Hete” (*Patriarcas e Profetas*, p. 149, 1ª ed. P. SerVir). Elas tornaram-se “uma amargura de espírito” para a família (Gén. 26:35).

O Princípio de União

O que podemos nós fazer para salvar as nossas famílias? Há muitas maneiras de proteger a felicidade da família. No entanto, creio que um princípio bíblico cobre todos os conselhos que possam ser dados. Esse princípio é encontrado quando olhamos para a razão negativa que levou à perda da felicidade na família dos nossos primeiros pais.

Como é que a família de Adão e Eva ficou tão infeliz? Quando é que Satanás teve oportunidade de destruir a primeira família? Quando não estavam juntos. No momento em que eles não estavam juntos, Satanás entrou.

Isto ensina-nos uma lição importante. É em Deus que as famílias se mantêm unidas.

A felicidade numa família é preservada e desenvolvida quando os seus membros estão juntos, unidos. Paulo aconselhou: “ajantai-vos outra vez” (I Cor. 7:5). As famílias são pessoas que vivem juntas, dormem juntas, riem juntas e choram juntas.

O amor no casamento é estar juntos, unidos. Isso também é importante para os nossos filhos. Porque quando os pais oram e adoram juntamente com os seus filhos, alcança-se a verdadeira educação. As famílias precisam de estar unidas, juntas, para serem felizes.

Uma das razões que fez com que a família de Isaque fosse infeliz foi a separação. No momento decisivo em que deviaabençoar Esaú, Isaque decidiu fazê-lo ele mesmo. Quando Rebeca ouviu o que Isaque disse a Esaú, planeou a solução ela mesma. Isso mostra que os corações deles estavam separados já há muito tempo. Precisamos de estar unidos à nossa família para os compreendermos, os confortarmos e falarmos com eles. Não há melhor maneira de proteger a felicidade da nossa família do que estarmos unidos, juntos.

Conclusão e Apelo

A unidade familiar é um dom da graça de Deus. Devemos lembrar-nos de que, assim como devemos cuidar da nossa saúde enquanto estamos saudáveis, devemos proteger a nossa felicidade enquanto a temos. Fiquemos firmemente apegados ao princípio do amor e não nos esqueçamos do princípio da união.

Quando uma família está a vacilar, devemos confiar em Deus, porque n'Ele encontramos cura e restauração. Embora

Isaque tivesse perdido o discernimento espiritual ao querer favorecer Esaú, a sua primeira prioridade ainda era Deus. Isaque

amava Esaú, mas também ficou triste, tal como Rebeca, por causa da influência das mulheres hititas de Esaú. É muito importante que, embora alguns membros da família tomem decisões diferentes na sua vida, a sua lealdade para com Deus nunca desfaleça. Ainda que se desenvolvam sementes de discórdia na família, todos devemos apegar-nos a Deus.

Vão a uma praia e olhem para as rochas que nela existem. Encontrarão muitas conchas diferentes agarradas às rochas. Provavelmente encontrarão lapas, com os seus pés pequenos e aderentes. Quando são atingidas por uma onda ou são tocadas, agarram-se rapidamente à rocha, e depois de se agarrarem, é muito difícil separá-las dela. Sejam como as lapas. Pois quando as ondas atingem as nossas famílias, devemos apoiar firmemente os nossos pés na Rocha da salvação – Jesus Cristo.

A família é, realmente, uma dádiva de Deus. Que os lares Adventistas vivam à luz da graça de Deus, de modo que todas as nossas famílias se possam tornar famílias sem sombras. As famílias devem ser felizes. E a chave para a felicidade está em viver unidos sob a graça de Deus. ■

Sang Lae Kim

Pastor e professor de Teologia
Sahmyook University, Coreia do Sul



A Graça DE DEUS

John Ferguson

A história do filho pródigo, contada por Jesus e registada em Lucas 15:11-32, foi chamada a história mais impressionante jamais escrita¹ – e com razão. O seu objectivo é impressionar-nos com a amorosa graça de Deus. O pai, que representa Deus na história, mostra uma capacidade de perdoar espantosa em relação ao filho que esbanjou uma quantidade enorme do seu dinheiro. O rapaz tinha faltado ao respeito ao pai e tinha-se envolvido em tudo o que o pai queria que ele evitasse. No entanto, o pai perdoou-lhe – perdoou-lhe realmente.

Segundo as leis desse tempo, este filho mais novo devia ter sido levado para fora da cidade e apedrejado até à morte (ver Deut. 21:18-21). Quão grande amor mostrou o pai ao não seguir essa direcção!

A história desenrola-se de forma normal na sua primeira parte – não era invulgar um pai dividir as suas propriedades antes de morrer, se quisesse retirar-se realmente da direcção do seu negócio. No entanto, há uma certa dureza e insensibilidade no pedido do filho mais novo. Ele disse, de facto: “Dá-me agora a parte da herança que, de qualquer modo, vou receber quando morreres, e deixa-me sair daqui.”

O pai não discutiu. Sabia que o filho só aprenderia da maneira mais dura.

Três verdades

Gostaria de destacar três das grandes verdades desta história:

Verdade nº 1 – Embora, muitas vezes esta história seja chamada a parábola do filho pródigo, é evidente que o filho não é o herói. Deveria chamar-se a parábola do pai que amou, porque nos fala mais do amor do pai do que do pecado do filho.

Verdade nº 2 – Jesus fez-nos, a nós pecadores, o maior elogio que nos poderíamos fazer, ao falar do rapaz nesta história. Ele disse: “E, tornando em si...”. Jesus parece estar a dizer aqui que, quando uma pessoa está longe de Deus, não é *verdadeiramente* ela. As pessoas só são *realmente* elas mesmas quando estão de regresso ao lar e a Deus.

Verdade nº 3 – Esta história fala-nos muito acerca do perdão que Deus dá. O pai deve ter estado à espera e à espreita, para ver quando o filho voltaria, porque o viu quando ainda estava muito longe. Quando chegou, o pai perdoou-o sem o acusar. Há uma forma de perdoar na qual o perdão é concedido como um favor e o pecado da pessoa continua a pesar sobre ela – através de uma palavra, de uma ameaça, de uma afirmação. Mas não foi isso que este pai fez.

Foi perguntado a Abraham Lincoln como é que ele iria tratar os rebeldes sulistas quando, finalmente, eles fossem vencidos e voltassem a fazer parte da nação americana. Em vez de exprimir palavras de vingança, ele respondeu: “Tratá-los-ei como se nunca tivessem estado longe.”² É o extraordinário amor de Deus que nos trata assim.

O “justo” irmão mais velho

O irmão mais velho da história representa a justiça própria. Reparem na sua total falta de simpatia e na sua maldade. A sua falta de simpatia é evidente quando, ao falar com o pai, ele se refere ao irmão como “esse teu filho” (Luc. 15:30), e não *meu irmão*. A sua maldade revela-se quando ele é a pessoa da história que fala de prostitutas. Os versículos iniciais da história falam do estilo de vida perdulário do filho mais novo, mas não falam de prostitutas. O irmão mais velho foi quem lançou sobre o irmão mais novo essa suspeita (ver verso 30).

O amor de Deus é muito mais amplo do que o nosso. Deus perdoa, quando as pessoas recusam fazê-lo.

Manassés

O rei Manassés, no Velho Testamento, cometeu ainda mais erros do que o rapaz de Lucas 15, mas foi perdoado – pelo próprio Deus.

Manassés tornou-se rei de Judá em 687 a.C.

e o seu reinado foi especialmente cheio de pecado. Reconstituiu os lugares de adoração dos deuses pagãos. Edificou altares a Baal – um deus dos semitas. O culto de Baal era acompanhado por uma lascívia gritante – quer dizer, era um culto de natureza abertamente sexual.³ O rapaz de Lucas 15, aparentemente, associou-se com prostitutas, mas Manassés foi mais longe. Ele edificou lugares de culto erótico para adoração de uma deusa pagã. Adorou planetas, meteu-se no espiritismo e mandou matar pessoas inocentes. No entanto, Deus perdoou-lhe.

O reinado de Manassés é mencionado tanto em II de Reis 21 como em II de Crónicas 33. Este último texto fornece mais informação acerca da forma como a graça de Deus perdoou os erros de Manassés.

Manassés acabou por ser levado em cativeiro por um rei estrangeiro. Foi levado acorrentado e com uma argola no nariz.⁴ Mas foi nessa miséria que ele aceitou a realidade do seu pecado, pediu perdão a Deus, e “humilhou-se muito” (ver II Crón. 33:12, 13).

O filho, na parábola de Jesus, também se humilhou diante do pai. Ele disse: “Pai, pequei contra o Céu e contra ti. Já não mereço ser chamado teu filho.”⁵ E o seu pai perdoou-lhe.

Convite

E nós? Assim como o filho pediu perdão ao pai e Manassés se arrependeu diante de Deus, também nós podemos pedir perdão a Deus pelos nossos pecados.

Aqueles de nós que trabalhamos no ministério pastoral, e aqueles que não estão num ministério pago, mas que se preocupam profundamente com a responsabilidade que temos de partilhar a mensagem do evangelho, sabem como é difícil convencer as pessoas de hoje de que existe algo como o pecado. Nos teatros, na televisão e nos jornais é-nos dito que não devemos sentir-nos mal com nada. “Vivam como quiserem”, dizem eles. “Estabeleçam as vossas próprias normas.”

Então, como é que eu consigo levar um grande grupo de pessoas, maioritariamente Adventistas do Sétimo Dia, a admitir os seus pecados diante de Deus? Afinal de contas, devemos tornar-nos mais santos cada dia que passa, se nos abirmos realmente a Deus.

Se, de facto, eu pensasse que era minha responsabilidade convencer as pessoas dos seus pecados, iria ficar maluco. É o Espírito Santo que convence as pessoas do pecado – não eu. João 16:8 diz: “Quando Ele vier, convencerá o mundo

do pecado, do juízo e da justiça.”

Eu aceito essa acção e convido-vos a, como indivíduos, levar a Deus o nosso pedido de perdão pelos nossos pecados. E este convite é para todos.

O AMOR DE DEUS É MUITO MAIS AMPLO DO QUE O NOSSO. DEUS PERDOA, QUANDO AS PESSOAS RECUSAM FAZÊ-LO.

Conclusão

Ellen White escreve, no livro *Aos Pés de Cristo*: “Quando Satanás te vier dizer que és um grande pecador, olha para o teu Redentor e fala dos Seus méritos. O que te ajudará é olhares para a Sua luz. Reconhece o teu pecado, mas diz ao inimigo que ‘Cristo Jesus veio ao mundo para salvar os pecadores’ (I Tim. 1:15), e que tu podes ser salvo pelo Seu incomparável amor” (p. 34, 6ª ed. P. Atlântico, Sacavém).

Isto é a “graça de Deus”. ■

Referências

1. William Barclay, *The Daily Study Bible Series: The Gospel of Luke*, p. 204.
2. *Idem*, p. 205.
3. *The SDA Bible Commentary*, vol. 8, p. 104.
4. II Crónicas 33:11.
5. Lucas 15:21.

John Ferguson

Pastor, Associação do Norte da Inglaterra

CEVADA SUFICIENTE: *Graça e Justiça*

Rogello Paquini

Quando a justiça e a graça são colocadas lado a lado numa mesma frase parece haver uma falta de concordância entre elas. Por definição, poderíamos argumentar que a justiça significa receber-se o que se merece. A graça é definida como receber-se algo melhor do que o que se merece. Poderíamos dizer que a justiça e a graça não estão em acordo total; na verdade, elas são praticamente opostas. Mas talvez a única maneira de a justiça e a graça poderem concordar completamente seja colocando-se Jesus entre elas.

Sabiam que a quantidade de dinheiro que as pessoas gastam em gelados, todos os anos, neste lado do mundo, é de cerca de 20 mil milhões de dólares? Uma pesquisa levada a cabo pelas Nações Unidas revelou que com pouco mais de metade desse dinheiro, 11 mil milhões de dólares, poderíamos conceder água limpa e saneamento básico a todas as pessoas do Planeta e evitar a morte de milhões de bebés todos os anos.

Neste Planeta, 33% da população afirma ser seguidora de Cristo. Estas são pessoas a quem Jesus ensinou: “quando o fizestes a um destes Meus pequeninos irmãos, a Mim o fizestes” (Mat. 25:40). Então, se para cada dois não-cristãos existe uma pessoa que clama ser seguidora de Cristo, como é que é possível que o mundo tenha alcançado um nível tão profundo de injustiça?

O desafio que enfrentamos enquanto comunidade de Cristo é demonstrar que a justiça e a graça andam juntas. Mas como é que podemos realizar tão tremenda tarefa?

Ellen White escreveu: “Unicamente os métodos de Cristo trarão verdadeiro êxito no aproximar-se do povo. O Salvador misturava-Se com os homens como uma pessoa que lhes desejava o bem. Manifestava simpatia por eles, ministrava-lhes às necessidades e granjeava-lhes a confiança. Ordenava então: 'Segue-Me.'”¹ Vamos então olhar para a forma como Jesus actuava, conforme nos é relatado em Mateus 14.

Tentando afastar-Se

Quando a notícia da morte violenta do Seu primo, João Baptista, chegaram a Jesus, Ele decidiu que era tempo de Se afastar das multidões. Então, juntamente com os Seus discípulos, atravessou o mar da Galileia para a cidade de Betsaida. Mas a Sua tentativa de Se afastar não passou despercebida. Quando o barco chegou à margem, uma multidão de mais de 5000 pessoas estava à espera de Jesus e dos Seus discípulos.

Jesus podia ter ordenado aos discípulos que orassem pela multidão enquanto Ele subiria à montanha para tratar das Suas próprias necessidades. Contudo, em vez de dispersar a multidão e de a mandar para casa, Jesus manifestou “íntima compaixão para com ela” (versículo 14).

Jesus saiu do barco com os Seus discípulos e deu as boas-vindas às pessoas, falou do reino de Deus e sarou “os que necessitavam de cura” (Luc. 9:11). Jesus queria ensinar aos Seus discípulos que, quando a justiça da graça está presente, os necessitados não têm de ir para qualquer outro local.

Saindo do barco, Jesus caminhou em direcção às pessoas;

não esperou que elas fossem ter com Ele. Na verdade, Ele impediu que elas se fossem embora, manteve-as ali mesmo.

Após muitas horas a pregar e a curar, o Sol começou a pôr-se. Os discípulos, famintos, pediram a Jesus: “despede a multidão” (Mat. 14:15).

Jesus respondeu-lhes: “Dai-lhes vós de comer” (versículo 16).

Isto é o que eu chamo o sentido de humor educativo de Jesus. Em primeiro lugar, os discípulos não tiveram tempo para se prepararem para a viagem; foi uma saída de emergência! Em segundo lugar, o propósito original da viagem era muito diferente daquele que veio a ser. A tudo o que tinha acontecido até este ponto Jesus respondeu de improviso. E, por fim, não nos esqueçamos de que eles estavam num “lugar deserto” (versículos 13 e 15). Onde poderiam os confusos discípulos comprar comida para a multidão? Filipe compreendeu o extravagante pedido: “Duzentos dinheiros de pão não lhes bastarão, para que cada um deles tome um pouco” (João 6:7).

Mas o que Jesus queria mostrar-lhes, assim como a nós, é que, quando a justiça da graça está presente, o que temos é suficiente.

Jesus tomou o pão de cevada e o peixe e deu graças por eles. A multidão esperava expectante.

À medida que Jesus partia o pão e o peixe, os cestos ficavam cheios. Os cinco pães e os dois peixes não só foram suficientes para alimentar a multidão como ainda sobraram doze cestos cheios. Jesus queria ensinar outra lição: quando a justiça da graça está presente, o que trazemos a Jesus é mais do que o suficiente.

Alimentar mais de 5000 pessoas com cinco pães de cevada e dois peixes era algo que ficaria na mente das pessoas para sempre. Embora nem o pão nem o peixe fossem especiais, o que os tornou especiais foi o facto de terem sido levados a Jesus. Os mesmos pães e peixes podiam ter sido partilhados sem a intervenção de Jesus. Mas não teriam alimentado cinco pessoas, quanto mais 5000.

Estes pães e peixes não só as alimentaram, mas ainda sobraram doze cestos, um para cada incrédulo discípulo.

A graça da justiça

Pergunto-me quantos de nós temos receio de levar o nosso almoço aos pés de Jesus. Quantas oportunidades perdemos de partilhar a graça de Deus e ver a Sua justiça? É tempo de

É TEMPO DE VIVERMOS UMA VIDA TÃO CHEIA DE GRAÇA QUE O MUNDO NÃO TENHA OUTRA OPÇÃO SENÃO VER JESUS EM NÓS.

Quando o pouco é muito

Quando os discípulos regressaram da sua busca desesperada por comida, André, irmão de Pedro, trouxe um rapaz com o seu almoço (João 6:8, 9). Muito foi dito acerca deste episódio. Vou apenas acrescentar: Não é o quanto temos que é importante, mas o quanto queremos servir.

Quando os discípulos disseram: “Não temos aqui senão cinco pães e dois peixes” (Mat. 14:17), também poderiam ter dito: “Pedimos desculpa, Jesus. Tentámos trazer um camião cheio de sanduíches de peixe, mas não conseguimos encontrar nenhuma. Então as pessoas têm que ir para casa com fome.”

Mas Jesus respondeu-lhes: “Trazei-mos aqui” (versículo 18). Sem Jesus, os nossos esforços humanos, independentemente de quão grandes sejam, ou de quanta energia despendemos, são apenas esforços. A diferença entre as pessoas irem para casa com fome e as pessoas irem para casa alimentadas e satisfeitas foi que foram trazidas a Jesus coisas simples e pequenas. O desejo daquele rapaz em servir e a sua vontade de dar o que tinha para ser usado por Jesus transformaram uma situação desesperada numa festa.

Cada vez que Deus coloca diante de nós alguém necessitado, essa é uma oportunidade para a graça pôr em prática a sua justiça.

o levar a Jesus! É tempo de mudar o mundo para Ele. Ellen White escreveu: “Desde a Sua ascensão, Cristo, a grande Cabeça da Igreja, tem levado avante a Sua obra no mundo, mediante embaixadores escolhidos, por meio dos quais fala aos filhos dos homens e lhes ministra às necessidades.”²

Nós somos o povo escolhido de Deus, aquele que vive de acordo com o testemunho de Jesus e caminha orientado pelos Seus mandamentos. Chegou o tempo em que o Evangelho será pregado “em testemunho a todas as gentes” (Mat. 24:14). É tempo de vivermos numa comunidade tão cheia de graça que o mundo não tenha outra opção senão ver Jesus através de nós.

Tal como Ele fez naquele lugar desértico junto ao mar, Deus quer que a Sua Igreja experimente a Sua graça. Jesus anseia usar a Sua Igreja como um instrumento para partilhar o Seu amor transformador com um mundo que necessita dele. ■

Referências

1. Ellen White, *A Ciência do Bom Viver*, p. 143, PA.
2. Ellen White, *Obreiros Evangélicos*, p. 13, PA.

Rogelio Paquini

É pastor na Igreja Adventista hispano-americana, em Los Angeles, Califórnia, EUA.

Brenda Billingsy

PEDRAS E AREIA, LEI E GRAÇA*

Tudo começou há uns dias, quando houve uma grande discussão acerca de quem era aquele homem, Jesus, na realidade. Ele tinha ensinado coisas maravilhosas, mesmo não tendo sido educado segundo o sistema judaico. E embora eu não seja uma pessoa que vá à igreja, ouvi na rua que Ele atacava publicamente algumas das tradições judaicas: A lei – a sua preciosa lei – que eles tanto prezavam. A Sua coragem levava alguns a perguntarem: “Será Ele um profeta? Será o Cristo? De onde é que Ele veio? E como é que podemos livrar-nos d’Ele, antes que Ele divida a lealdade do povo?”

A discussão foi tão acalorada que Nicodemos (um deles) teve que lhes lembrar que estavam a julgar o homem sem realmente O conhecerem ou terem ouvido falar d’Ele. Não era essa a resposta que eles queriam ouvir. A minha história (tal como eu a planeei) envolve uma confissão, um objectivo e uma ordem.

1. Uma confissão da boca de um pecador: Culpado. Porquê? Transgredi a lei.

Bom, antes de partilhar convosco a história completa, quero que oiçam o que eu, pessoalmente, tenho a dizer: Sou culpada! Esse é o clamor da minha confissão. Eu transgredi a lei!

Era de manhã, muito cedo, quando acordei com o barulho de vozes na minha casa. *Estarei a sonhar? Terei deixado a porta aberta? Ou será que alguém arrombou a fechadura?* Antes de poder organizar as minhas ideias, o barulho estava à volta da minha cama – um grupo de homens. *O que é que estava a passar-se? Será um assalto? Iriam matar-nos?* Duas mãos fortes agarraram-me pela perna e arrastaram-me da cama para o chão. Perdi os sentidos durante uns segundos, mas, quando abri de novo os olhos, reparei numa coisa estranha: o meu companheiro estava a vestir-se calmamente! Atiraram-me o lençol com a ordem: “Tapa a tua vergonha! Tu vens connosco.”

Tinha sido apanhada! Mas, naquele momento, não entendi que tinha sido apanhada para ser ensinada!

2. Um objectivo da mente dos assim-chamados santos: Condena-a! Nós defendemos a lei.

A brisa fresca tocou o meu corpo quente, quando me empurraram para fora da minha casa e me encontrei no meio de um grupo de caras desdenhosas, de olhares irados, de sorrisos maldosos e de dedos apontados – todos seguindo atrás, enquanto me arrastavam pelas ruas. O meu coração batia descompassado. *Para onde me estavam a levar? Porque é que eu estava sozinha?*

Era como uma sentença de morte e não tinha ninguém que me defendesse. Então, ouvi a voz ríspida de um acu-

sador, um dos guardiões da lei: “Mestre [*que humilhação, o mestre que tinha posto a aldeia em alvoroço estava presente entre a multidão!*], esta mulher foi apanhada em adultério – ‘no próprio acto’. [*Como é que eles sabiam o que eu estava a fazer? Quem é que lhes tinha dado essa indicação?*] Na lei [*lá vêm eles com essa lei outra vez!*] Moisés ordenou que as tais sejam apedrejadas; e tu, o que dizes?” Estavam a dar ao mestre a oportunidade de pronunciar a minha sentença de morte. E mesmo não sendo um membro do Templo, vi o que fizeram a outras mulheres adúlteras no passado. O casal (as duas partes) seria apedrejado (segundo a lei de Deut. 22:22-24). As perguntas começaram a encher a minha mente: *Porque é que estavam a ir contra a sua própria lei, ao acusar-me só a mim? Porque não também o meu parceiro?*

Fez-se silêncio, enquanto eu esperava o veredicto. De cabeça curvada, os meus olhos fitavam a areia sob os meus pés. Assim pude ver o mestre inclinar-se em silêncio e, com o dedo, começar a escrever na areia. Esperava que ele pudesse fazer qualquer coisa para me ajudar, mas não me parecia. Eu não merecia ser ajudada. Eu era culpada e, provavelmente, ele estava a escrever a minha sentença para que todos a vissem.

Este mestre estava a chamar a atenção deles usando um método a que o povo estava habituado. Os minutos que se seguiram pareceram-me uma eternidade, enquanto a multi-

escrita na areia estava em conflito com a ordem de atirar a pedra. Fosse o que fosse que ele estava a escrever, era óbvio que começava a expor os pecados dos presentes – dos mais velhos até aos mais novos. O silêncio foi quebrado por um ruído surdo! O som das pedras a caírem! Mas nem uma me foi atirada. Depois, ouvi o som áspero e rápido das sandálias que se afastavam na areia.

Só Jesus e eu ficámos, depois de a multidão dispersar. Seria Ele a atirar a primeira pedra? Com um movimento da mão, Ele levantou-Se; e com um sorriso de muita amizade, fez a pergunta óbvia: “Mulher, onde estão os teus acusadores? Ninguém te condenou?” Olhei à minha volta, e tudo o que podia ver era a paisagem decorada com pedras abandonadas. “Ninguém. Ninguém, Senhor.”

Então, com o tom de voz mais compassivo, Ele disse: “Nem eu te condeno.”

3. Uma ordem – do coração de um Salvador: Perdoa-a. A graça é maior do que a lei.

Posso mesmo voltar para casa?

Ele leu os meus pensamentos. “Sim, vai à tua vida, mas, de agora em diante, *não peques mais.*”

Lágrimas de graça encheram os meus olhos, porque percebi que, pela primeira vez, tinha encontrado alguém que conhecia o meu pecado, mas que me amava apesar dele; alguém que estava disposto a perdoar e a apagar os meus

ENCONTREI ALGUÉM QUE CONHECIA O MEU PECADO, MAS QUE ME AMAVA APESAR DELE.

dão continuava a pedir uma resposta verbal. Não sei bem por que razão queriam que o mestre dissesse alguma coisa, mas, finalmente, quando ele se levantou, ouvi a sua voz – não zangada, mas estranhamente calma, embora ríspida: “Aquele dentre vós que estiver sem pecado, atire a primeira pedra.” Fechei os olhos, cobri a cabeça e esperei que me atirassem a primeira pedra mortal.

Se as pedras pudessem falar, o que diriam? Sentir-se-iam satisfeitas por serem usadas como instrumentos para assassinar? Ou prefeririam ser conhecidas como objectos que representam a condição do coração humano?

O objectivo era condená-la; nós defendemos a lei! Então veio a ordem: “Atirem a primeira pedra!”

Significa isso que ele acreditava na lei? Talvez – só que o tom de voz do mestre implicava que só as pessoas perfeitas podiam envolver-se no apedrejamento. Haveria alguém perfeito na multidão?

Quando penso nisso hoje, eu não era a única adúltera na multidão, naquele dia; portanto, não devia ser a única pessoa condenada à morte.

“Inclinando-se outra vez, escrevia na areia.”

Todas as cabeças se inclinaram para a frente para lerem a mensagem, com as pedras na mão. Mas era evidente que a

pecados, olhando-os como se nunca tivessem existido.

Mas, embora houvesse uma *confissão* da minha culpa, um *objectivo* de condenar e uma *ordem* de perdoar, eu sabia que ainda podia haver uma pergunta na cabeça de alguém: “A graça é uma autorização para desobedecer à lei?”

Só havia um caminho de volta a casa: o mesmo que eu tinha seguido ao ser arrastada até ao Templo. Desta vez, eu levava pedras nas mãos, para me lembrarem da graça salvadora, a libertação da morte que eu merecia.

E agora, o que é que eu devia fazer?

Jesus inclinou-Se por mim. Portanto, eu posso ficar de pé por Ele! Não posso voltar ao meu velho modo de vida. Adulterar seria como cuspir no rosto da graça e do Doador da graça.

Por isso, eis o que farei – Jesus e eu: Vamos vencê-los no seu próprio jogo. De hoje em diante, vou guardar a lei para lhes provar que fui transformada. Mas vou guardar para sempre a Sua graça, para me recordar que fui salva. ■

* Mensagem baseada em João 8:1-11.

Brenda Billingsy

Pastora da Igreja Adventista
Metropolitana
Hyattsville, Maryland



VIVENDO SEGUNDO A GRAÇA COMO DISCÍPULOS E FAZEDORES DE DISCÍPULOS

Jonathan Mosvosvi

“**P**orque se nós, sendo inimigos, fomos reconciliados com Deus, pela morte do Seu Filho, muito mais, estando já reconciliados, seremos salvos pela Sua vida” (Rom. 5:10).

Neste versículo, Paulo lembra-nos que todos nós, nalgum momento, fomos inimigos de Deus. Nascemos separados d'Ele, sem esperança, antagónicos relativamente a Deus. Mas Deus, através da Sua graça, tornou possível a reconciliação.

Esta graça, que Deus derramou sobre os pecadores rebeldes e indignos, restaura relações destruídas e transforma o relacionamento de partidos hostis num relacionamento de paz. Deus dispôs-Se a descer ao nosso nível e agora estamos novamente em paz com Ele.

Como é que Deus fez isso?

Paulo diz-nos, em Romanos 5:9, que fomos justificados. O que é que isso significa? Significa que Ele absolveu todos os nossos erros. Ele tornou-nos inocentes ao absorver todos os nossos pecados. Agora podemos apresentar-nos diante d'Ele como se nunca tivéssemos pecado. É um pensamento agradável e solene saber que, apesar do nosso passado, Deus não tem nada contra nós. Ele não guarda ressentimentos.

A graça restaura relações destruídas. O que torna tão maravilhosa a graça de Deus é o facto de Ele ter iniciado este processo quando nós ainda éramos Seus inimigos.

O conceito da graça era conhecido na antiga cultura Grega. No entanto, a graça nunca era concedida a um inimigo, mas apenas aos amigos. “Mas, Deus prova o Seu amor para conosco, em que Cristo morreu por nós, sendo nós ainda pecadores” (Rom. 5:8).

Uma das razões pelas quais a graça é tão maravilhosa é que ela estabelece como alvo os inimigos de Deus. Ela abrange aqueles que minam os Seus objectivos. Na verdade, o desejo mais profundo de Deus é ser reconciliado com os Seus adversários. Deus está disposto a ir até onde for preciso para alcançar esta reconciliação. Não foi isso o que Cristo demonstrou quando morreu na cruz pelos nossos pecados?

Uma vez que tenhamos sido tocados pela graça, esta forma de pensar semelhante à de Cristo passa a existir em nós. O nosso desejo mais profundo será o de sermos reconciliados, não apenas com Deus mas também uns com os outros.

Patti Davis, filha do antigo presidente dos Estados Unidos da América Ronald Reagan, explicou como o seu pai a impressionava com esta forma de pensar idêntica à de Cristo.

Depois do atentado que sofreu em 1981, e enquanto estava no hospital, Reagan disse à filha que acreditava que a sua recuperação física estava directamente relacionada com a sua capacidade de perdoar John Hinckley Jr., aquele que poderia ter sido o seu assassino.

Não sei quanta experiência cristã estava na base da vida de Reagan. Mas tenho uma pergunta: Não ordena Cristo que os Seus discípulos demonstrem o mesmo espírito? Qual deveria ser a nossa atitude para com os nossos inimigos?

Leiam as palavras de Jesus aos Seus discípulos: “Amai os vossos inimigos, bendizei os que vos maldizem, fazei bem aos que vos odeiam, e orai pelos que vos maltratam e vos perseguem” (Mat. 5:44). Isto é algo difícil de se fazer.

Mas, antes de tudo, quem é o meu inimigo? O meu inimigo é aquele que deita abaixo os meus objectivos e a minha autoridade, que conspira para a minha queda, espalha falsos testemunhos e traz má reputação ao meu nome. A minha reacção natural é a da hostilidade. Mas, Cristo diz que eu devo orar pelo meu inimigo.

Permitam-me que vos fale da minha experiência pessoal: Muitas vezes, depois de orar por uma pessoa com quem tenho um relacionamento complicado, dou por mim a pegar no telefone e a iniciar uma conversa com essa pessoa. Quando orarem pelos vossos inimigos, preparem-se para ouvirem Deus dizer-vos que quer que iniciem um processo de reconciliação. A oração transforma-me. Ela permite que o Espí-

a iniciativa de se reconciliarem com os seus inimigos. Prestem atenção às palavras de Cristo: “Portanto, se trouxeres a tua oferta ao altar, e aí te lembrares de que o teu irmão tem alguma coisa contra ti, deixa ali, diante do altar, a tua oferta, e vai reconciliar-te primeiro com o teu irmão, e, depois, vem e apresenta a tua oferta (Mat. 5:23, 24).

Notem quem toma a iniciativa: é aquele que procura a graça de Deus, aquele que está reconciliado com Ele.

Aplicação Pessoal

Se o Espírito de Deus está a trabalhar na vossa vida, Ele coloca sobre vós a responsabilidade de estender essa reconciliação aos outros.

Na véspera do meu casamento, em 1984, apenas dois dias antes da cerimónia, viajei de autocarro até à casa da minha noiva, onde se iria realizar o casamento. O cavalheiro que seguia sentado ao meu lado no autocarro acendeu um cigarro e começou a fumar. Na altura não havia nenhuma lei contra o fumar-se em público. Cordialmente pedi-lhe que se abstivesse de fumar.

“Quem é você para me dizer para não fumar?” – desafiou-me.

Levantei-me e fui para a coxia. O homem levantou-se e soprou o fumo para a minha cara. “Vou tratar de si”, disse ele. Tive vontade de lhe dar um murro, mas controlei os meus impulsos.

NÃO IMPORTAVA REALMENTE QUEM É QUE ESTAVA CERTO E QUEM É QUE ESTAVA ERRADO. O MAIS IMPORTANTE ERA O RELACIONAMENTO ENTRE NÓS.

rito de Deus actue sobre as minhas atitudes. Não procurem mudanças na outra pessoa; procurem essas mudanças em vós mesmos. E continuem a orar, caso pareça não haver uma mudança.

Quem Toma a iniciativa?

Isto conduz-nos a outra questão importante: Quem deve tomar a iniciativa?

O que é que aconteceu quando Onésimo ouviu Paulo pregar sobre as boas-novas da salvação? Não tomou ele a iniciativa, realizando uma viagem de 1500km para se reconciliar com Filemon, o seu antigo dono? Alguns de nós não temos de realizar uma viagem assim tão longa. Pode estar apenas à distância de uma chamada telefónica.

Mas tem de haver vontade para descermos – descermos do altar do orgulho, descermos do altar do pensamento de que temos razão, abandonando o nosso desejo de vingança. Isso pode ser custoso para o nosso ego, mas nós podemos descer, pois Cristo também desceu até junto dos Seus inimigos.

Cristo pede que todos aqueles que buscam a Sua graça, todos os que sentiram a Sua bondade e misericórdia, tomem

Quando o autocarro chegou ao meu destino, desembarquei e dirigi-me para a casa da minha noiva. Alguns minutos depois de lá ter chegado, bateram à porta. Quando a abriram, quem acham que entrou?

As irmãs da minha mulher saltaram extasiadas. “Bem-vindo, primo! Obrigada por vires ao casamento.”

Eu fingi que não me lembrava de que ele era aquele homem com quem quase lutei no autocarro. Ele também fingiu que não se recordava de mim. Não importava realmente quem é que estava certo e quem é que estava errado. O mais importante era o relacionamento entre nós. Estando nós ligados a alguém de quem ambos gostávamos, esquecemos o passado. Abraçamo-nos e iniciámos um novo relacionamento.

Existe alguém que precisem de abraçar? Alguém com quem tenham de fazer as pazes?

Jesus disse: “Bem-aventurados os pacificadores, porque eles serão chamados filhos de Deus” (Mat. 5:9). ■

Jonathan Mosvosvi

É pastor de 8 igrejas em Chiremba, Harare, no Zimbábue.

GRAÇA NO *Santuário*

Johnny Kan

Conta-se que o bem conhecido evangelista Billy Graham passava de carro por uma pequena cidade, quando um polícia o mandou parar e o multou por excesso de velocidade.

Quando Graham compareceu em tribunal, o juiz perguntou-lhe: “Declara-se culpado, ou inocente?”

Graham declarou-se culpado e o juiz replicou: “Vai ter de pagar 10 dólares – um dólar por cada milha que conduziu acima do limite de velocidade.”

De repente, ao reconhecer o famoso ministro, disse: “O senhor violou a lei, a multa tem de ser paga, mas eu vou pagá-la por si.” E, tirando a carteira do bolso, retirou uma nota de 10 dólares, juntou-a à multa, e levou Graham a jantar.

“É assim”, disse Graham, “que Deus trata os pecadores arrependidos!”

Josué, o Sumo Sacerdote

Em Zacarias 3, Josué está perante o “anjo do Senhor”, ministrando em favor do povo de Israel, tal como era de esperar de um sacerdote. Satanás estava à sua direita para o acusar. Em hebraico, a palavra “acusador” tem a mesma raiz da palavra para Satanás. Satanás é o acusador dos povos das nações. Recorda-nos a nossa própria pecaminosidade, as nossas próprias falhas, diz-nos que não merecemos o perdão e a graça de Deus.

Mas o Senhor disse a Satanás: “O Senhor te repreenda, ó Satanás; sim, o Senhor, que escolheu Jerusalém, te repreenda; não é este um tição tirado do fogo?” (Zac. 3:2).

Josué representava o povo de Israel, o povo escolhido por Deus. Deus, no Seu amor incondicional, tinha tirado este povo do fogo do cativo de Babilónia para executar o Seu propósito para ele.

E o relato continua: “Ora, Josué, vestido de vestidos sujos, estava diante do anjo. ... E a ele lhe disse: 'Eis que tenho feito com que passe de ti a tua iniquidade, e te vestirei de vestidos novos'. E disse eu: 'Ponham-lhe uma mitra limpa sobre a sua cabeça'. E puseram uma mitra limpa sobre a sua cabeça, e o vestiram de vestidos: e o anjo do Senhor estava ali” (vs. 3-5).

A palavra “sujo” em hebraico significa “coberto de excrementos humanos”. O pecado é repulsivo para Deus, mas no versículo 4 Deus diz: “Tirai-lhe os vestidos sujos”. Ele não disse levem o pecador para longe, mas sim tirem-lhe os vestidos sujos. Por outras palavras, retirem o pecado e deixem o santo.

A mitra era o que o sumo sacerdote usava na cabeça, e Êxodo 28:36 diz-nos que à frente ela tinha escrito “Santidade ao Senhor”. A mitra simboliza o facto de o pecador, seja ele Josué ou qualquer outro, estar de volta ao convívio com Deus!

A visão profética diz, portanto, que embora sejamos acusados devido às nossas vestes sujas, estamos salvos pelas novas “vestes” e “mitra” de Cristo. Isto é justificação pela fé.

Símbolos de Salvação

Cristo é o Cordeiro de Deus que tirou os pecados do mundo, a luz do mundo que a todos ilumina, o Pão vivo que veio

do Céu para nos dar a vida eterna. Cristo é o nosso intercessor contra as acusações de Satanás. Cristo é o véu do templo que carregou os nossos pecados na Sua carne.

Tudo isto foi revelado no santuário, a expressão da graça de Deus através do santuário e dos serviços do sacerdote.

O santuário era onde Deus Se encontrava com os pecadores; hoje, Ele encontra-Se connosco em Cristo. O santuário era onde Deus Se revelava aos pecadores; hoje, Ele revela-Se a nós em Cristo. O santuário era onde Deus habitava com os pecadores; hoje, Ele habita connosco em Cristo. O santuário era onde Deus aceitava os pecadores; hoje, Ele aceita-nos em Cristo. O santuário era onde Deus perdoava os pecadores; hoje, Ele perdoa-nos em Cristo. Como podemos deixar de encontrar graça no santuário?

Diz-se que Ciro, o fundador do Império Persa, capturou um príncipe e a sua família. Quando este foi levado perante si, o monarca perguntou ao prisioneiro:

“O que é que me dás se te libertar?”

“Metade da minha fortuna”, foi a resposta.

“E se eu libertar os teus filhos?”

“Tudo o que possuo.”

“E se eu libertar a tua mulher?”

“Vossa Majestade, eu darei a mim próprio.”

Ciro, tocado pela devoção mostrada, libertou-os a todos.

Ao regressarem a casa, o príncipe disse à sua mulher: “Que homem extraordinário é Ciro, não achas?”

Estas vítimas eram levadas, imediatamente, para uma cela onde ficavam, sem comida ou água, até morrerem.

O comandante começou a chamar pelos nomes. Com cada escolha, um prisioneiro dava um passo em frente para preencher a sinistra quota. O décimo nome chamado foi Franciszek Gajowniczek. Quando o oficial SS repetiu os números dos condenados, um deles começou a soluçar. “A minha mulher e os meus filhos.”

Então, os oficiais ouviram alguém movimentar-se entre os prisioneiros. Era Kolbe, o padre Franciscano. “Quero falar com o comandante”, disse, calmamente.

“Senhor Comandante, queria fazer um pedido, por favor. Quero morrer em lugar deste prisioneiro”, disse, indicando o soluçante Gajowniczek. “Não tenho mulher nem filhos. Além disso, sou velho e não sirvo para nada. Ele está em melhores condições.” Kolbe conhecia bem a mentalidade dos Nazis.

O comandante ficou sem fala. Momentos depois, gritou: “Pedido deferido.”

Franciszek Gajowniczek sobreviveu ao Holocausto. No entanto, todos os anos, a 14 de Agosto, voltava a Auschwitz para lembrar a memória do homem que morreu em seu lugar.

Cristo morreu por nós para que, através d'Ele, possamos viver uma vida orientada pela graça.

O SANTUÁRIO ERA ONDE DEUS SE ENCONTRAVA COM OS PECADORES; HOJE, ELE ENCONTRA-SE CONNOSCO EM CRISTO.

Com um olhar de profundo amor pelo seu marido, ela respondeu: “Não reparei. Não consegui tirar os olhos de ti – daquele que estava disposto a dar-se por mim.”

Um antigo editor da *Adventist Review* escreveu, um dia: “Graça é uma palavra de cinco letras: J-E-S-U-S.” Não há palavra que melhor descreva e amplie a intensidade e magnitude da graça de Deus para connosco. Apenas n'Ele, e só n'Ele, podemos encontrar total protecção, segurança e refúgio.

Quatro milhões de judeus morreram em Auschwitz durante a II Guerra Mundial. Mas, entre todas as horríveis recordações de Auschwitz, encontra-se uma história de amor e sacrifício. Em Fevereiro de 1941, um padre Franciscano, Maximilian Kolbe, filho de pai alemão e mãe polaca, estava preso em Auschwitz. Na dureza desse local de matança, ele manteve a gentileza de Cristo. Partilhou a sua comida. Deu a sua cama. Orou pelos seus captores. Dentro de pouco tempo, deram-lhe a alcunha de “santo de Auschwitz”.

Em Julho desse ano houve uma fuga do campo. Era costume, em Auschwitz, matar dez prisioneiros por cada um que escapasse.

Todos os prisioneiros foram reunidos no pátio, e o comandante escolheu, ao acaso, dez nomes do livro de presenças.

Em Pé, Junto ao Trono de Julgamento de Deus

Por vezes, imagino-me em pé perante o trono de julgamento de Deus. Imagino Deus a perguntar-me: “Porque é que devo deixar-te entrar no Meu reino?”

Na minha imaginação, eu respondo: “Senhor, desde que nasci até ao momento da minha morte, vivi uma vida sem pecado.”

“De verdade?”, pergunta Deus.

“E não foi só isso: desde que nasci até à minha morte, preguei a palavra, curei os doentes, ajudei os pobres, visitei os necessitados, vesti os nus; até fiz que os coxos andassem e os cegos vissem. Cheguei até a ressuscitar os mortos.”

“Quando é que fizeste isso tudo?”

“Senhor”, respondo eu, “fiz tudo isso em Jesus. Ele disse-me que tomasse a Sua justiça, que a reclamasse como minha, e a apresentasse perante Ti.”

Então, imagino o Pai a dizer-me: “Meu filho, vem herdar o reino que está preparado para ti desde a fundação do mundo.” ■

Johnny Kan
Pastor em Singapura

Proclaim His Grace

Cantarei a Sua Graça

Words and Music: Bruce Ashton
 Versão em português: Jorge Duarte e Paulo Macedo

Sav - ing grace, sweet fa - vor from the Lord a - bove; win - ning grace that
 Gra - ça que me sal - va e vem do meu Se - nhor Gra - ça que me a -

draws us to His heart of love. Won - drous grace that He should care for
 trai ao co - ra - ção de amor Gra - ça gran - di - o - sa que cui

you and me; Bound - less grace so deep, so full, so rich and free. Re -
 da de mim Gra - ça tão pro - fun - da que ja - mais tem fim Sua

deem - ing grace His par - don frees us from our sin; Trans - form - ing grace His
 gra - ça re - den - to - ra li - ber - ta o meu ser Trans - for - ma o meu vi -

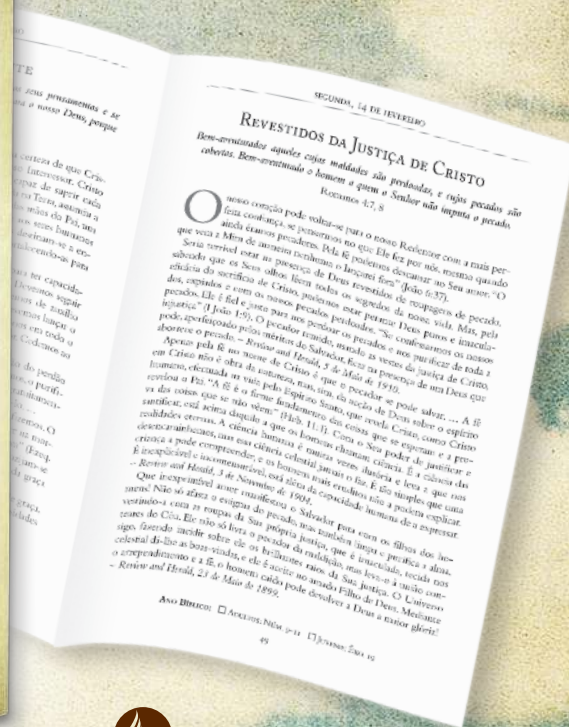
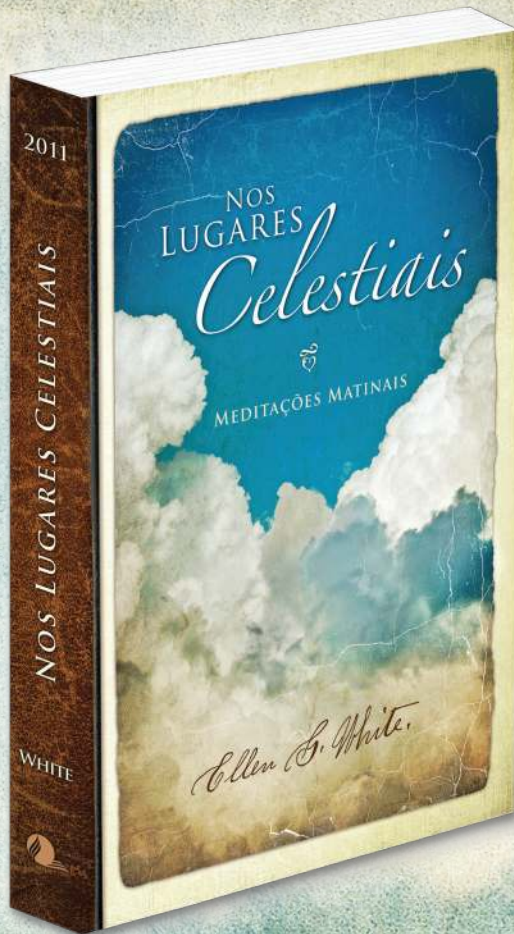
Spir - it makes us new with-in; Tri - um - phant grace He comes! and we shall
 ver e faz - me re - nas - cer Ó tri - un - fan - te gra - ça! Um dia

see His face and ev - er more pro - claim God's match - less grace!
 Deus ve - rei P'ra sem - pre a Sua gra - ça can - ta - rei!

MEDITAÇÕES MATINAIS 2011

NOS LUGARES *Celestiais*

Ellen White



ENCOMENDE JÁ!

- ✓ NA LIVRARIA DA SUA IGREJA
- ✓ DIRECTAMENTE À PUBLICADORA SERVIR

Bendito o Deus e Pai do nosso Senhor Jesus Cristo, o qual nos abençoou com todas as bênçãos espirituais, nos lugares celestiais, em Cristo.

Efesios 1:3